

IAN
FLEMING

007

OCTOPUSSY E OUTRAS HISTÓRIAS



007





IAN FLEMING

(1908-1964)

007

**Octopussy
e outras histórias**

Contos

Título original inglês

OCTOPUSSY AND THE LIVING DAYLIGHTS

1966, publicação póstuma

Tradução

M. RODRIGUES MARTI

Sinopse

O último livro de Ian Fleming

Octopussy and The Living Daylights (lançado originalmente no Brasil como Encontro em Berlim) é o décimo quarto livro de Ian Fleming com James Bond, lançado em 1966, após sua morte, e o segundo de dois volumes de contos com o o agente secreto britânico (o primeiro, Apenas para Seus Olhos (For Your Eyes Only, 1960).

Dos quatro contos deste livro (Octopussy, The Living Daylights, The Property of a Lady e 007 in New York), apenas os dois primeiros viraram filmes (007 Contra Octopussy e Living Daylights, 007 Marcado para a Morte).

Octopussy (James Bond Acusa!): Bond é encarregado de capturar um herói da Segunda Guerra Mundial, o Major Dexter Smythe, acusado de roubar ouro nazista. A maior parte é contada em flashback pelo vilão. Conto publicado em duas edições da Revista Playboy em 1966.

The living daylights (Encontro em Berlim): Bond é destacado para ajudar um desertor da Alemanha comunista, codinome “272”, a fugir de Berlim Oriental. Ele será o sniper encarregado de evitar que 272 seja morto por outro atirador, chamado Trigger, este da KGB. A missão se complica quando Bond descobre que Trigger é uma bela mulher que ele conhecia (no filme 007 Marcado Para a

Morte, 272 era o General Koskov, e Trigger, a violoncelista Kara Milovy). Publicado no The London Sunday Times em 1962.

The property of a lady (A Propriedade de uma Senhora): James Bond investiga uma funcionária do Serviço Secreto, Maria Freudenstein, que é agente dupla paga pelos Russos para leiloar na Sotheby's um relógio de Fabergé. Publicado no The Ivory Hammer (revista anual da Sotheby's) em 1963.

007 in New York ("007 em Nova York"): em rápida missão na Big Apple, James Bond dá suas impressões (na maioria, críticas) sobre Nova York e se lembra de sua receita de ovos mexidos. Publicada no New York Herald Tribune em 1963.

A propriedade de uma senhora

(THE PROPERTY OF A LADY)

Era, excepcionalmente, um dia de calor no começo de junho. James Bond tirou o paletó. Não se deu ao trabalho de pendurá-lo no cabide que Mary Goodnight tinha colocado, por conta própria (essas mulheres!), atrás da porta verde do seu escritório contíguo no Ministério de Obras. Deixou o paletó cair no chão. No mundo inteiro tudo estava quieto. Os sinais de entrada e saída tinham, durante semanas, seguido a rotina. O SITREP diário de alto sigilo, e até os jornais, bocejavam no vácuo.

Bond detestava estes períodos vazios. Súbito, o zunido áspero do telefone vermelho invadiu a sala. No segundo toque, ele apanhou o fone.

— Sir?

— Sir.

Vestiu o paletó e passou ao escritório contíguo, resistindo ao impulso de despentear a convidativa nuca do pescoço dourado de Mary Goodnight.

Disse-lhe “M”, e caminhou ao longo do corredor bem atapetado, entre os silvos e zunidos abafados da Seção de Comunicações, até o elevador e ao oitavo andar.

Como a expressão da Srta Moneypenny nada transmitisse, Bond registrou que este ia ser mais um serviço de rotina, uma chatice, e foi com esse espírito que preparou a sua entrada por aquela porta fatídica.

Havia uma visita — um estranho.

M disse com secura: — Dr. Fanshawe, não creio que o senhor conheça o comandante Bond, do meu Departamento de Investigações.

O estranho era de meia-idade, rosado, bem nutrido e vestia-se um tanto afetadamente. Bond avaliou-o como algo literário, um crítico talvez, e solteiro.

M disse: — O Dr. Fanshawe é uma conhecida autoridade em joias antigas. É também, embora isso seja confidencial, assessor da Alfândega de Sua Majestade e do CID para tais assuntos. Foi-nos indicado, na verdade, por nossos amigos do MIS. É algo a ver com a nossa Srta Freudenstein.

Bond ergueu as sobrancelhas. Maria Freudenstein era um agente secreto que trabalhava para a KGB soviética no coração do serviço secreto. Pertencia ao corpo central do MOD, mas num compartimento estanque criado especialmente para ela, e suas tarefas confinavam-se a operar o Código Púrpura — um código que também tinha sido criado especialmente para ela.

Seis vezes por dia era responsável pela tradução em linguagem cifrada e pelo despacho de longos SITREPs neste código ao CIA em Washington. Essas mensagens eram produzidas pela Seção 100, responsável pelo trabalho dos agentes duplos. Eram na verdade uma mistura engenhosa de fatos verídicos, revelações inofensivas e uma pitada ocasional da mais grosseira informação falsa.

Maria Freudenstein, que o serviço sabia ser agente soviética já antes de contratá-la, tinha sido ajudada a furtar a chave do Código Púrpura com a intenção de que os russos tivessem um acesso completo a estes SITREPs — que pudessem interceptá-los e decifrá-los — e assim, quando fosse preciso, se alimentassem de informação falsa.

Era uma operação altamente sigilosa que precisava ser dirigida com extrema delicadeza, mas havia três anos que funcionava serenamente e, se Maria Freudenstein também recolhia uma certa quantidade de fofocas de restaurante na sede do serviço, este era um risco necessário, e ela não era atraente o bastante para formar ligações que pudessem representar uma ameaça à segurança.

M voltou-se para o Dr. Fanshawe: — Talvez o Dr. pudesse explicar ao comandante Bond do que se trata.

— Certamente, certamente — o Dr. Fanshawe encarou rapidamente Bond. — Trata-se do seguinte, comandante. O senhor ouviu falar de Fabergé, sem dúvida. O famoso joalheiro russo.

— O que fez ovos de Páscoa espetaculares para o czar e a czarina antes da revolução.

— Sim, essa foi uma de suas especialidades. E fez muitas outras peças primorosas do que poderíamos de maneira mais geral descrever como objetos de arte. Hoje, nos salões de vendas, os melhores exemplares alcançam preços

fabulosos — cinquenta mil libras e mais. Recentemente entrou neste país o espécime mais maravilhoso de todos — a chamada Esfera de Esmeralda*, uma obra de arte suprema, até então só conhecida através de um esboço feito pelo próprio grande artista. Esse tesouro chegou pelo correio registrado de Paris e veio endereçado a esta mulher de quem sabemos, Srta Maria Freudenstein.

— Um ótimo presentinho. E posso saber como o doutor teve conhecimento disso?

— Sou, conforme já contou o seu chefe, assessor da Alfândega de Sua Majestade para joalheria antiga e obras de arte semelhantes. O valor declarado do pacote foi cem mil libras. Isso era fora do comum. Existem métodos de abrir clandestinamente tais pacotes. Abriram-no — sob mandado do Ministério do Interior — e fui chamado para examinar o conteúdo e fazer uma avaliação. Reconheci imediatamente a Esfera de Esmeralda pela descrição e pelo esboço publicados no trabalho definitivo sobre Fabergé, do Sr. Kenneth Snowman. Disse que o preço declarado bem poderia ter sido feito por baixo. Mas o que encontrei de interesse particular foi o documento anexo que dava, em russo e francês, a procedência deste objeto inestimável. O Dr. Fanshawe fez um gesto na direção de uma cópia fotostática do que parecia ser uma breve árvore genealógica, sobre a escrivania à frente de M.

— Esta é uma cópia que mandei fazer. Sucintamente, declara que a Esfera foi encomendada pelo avô da Srta Freudenstein diretamente a Fabergé em 1917 — sem dúvida como um meio de transformar alguns dos seus rublos num objeto portátil e de grande valor. Ao morrer, em 1918, passou para o seu irmão e, então, em 1950 para a mãe da Srta Freudenstein. Ela, ao que parece, deixou a Rússia quando criança e viveu nos círculos de russos brancos *émigrés* em Paris. Nunca se casou, mas deu à luz uma filha ilegítima, esta garota Maria. Parece que morreu no ano passado e algum amigo ou testamentário — o papel não está assinado — transmitiu a Esfera a sua proprietária legítima, Srta Maria Freudenstein. Eu não tinha razões para interrogar esta moça, embora, como podem imaginar, meu interesse fosse dos mais vivos, até que no mês passado Sotheby's anunciou que levaria a leilão a peça, descrita como “a propriedade de uma senhora”, daqui a uma semana. A pedido do Museu Britânico — pigarreou — e de outras partes interessadas, fiz, então, investigações discretas e encontrei-me com a senhora que, com perfeito domínio de si, confirmou a história tão incrível contida nos papéis de procedência. Foi então que soube que ela pertencia ao corpo central do Ministério da Defesa e passou por minha mente um tanto desconfiada a ideia

de que era, quando menos, estranho que um funcionário subordinado, presumivelmente ocupado em tarefas delicadas, recebesse de um instante para o outro um presente no valor de cem mil libras ou mais do estrangeiro. Conversei com um funcionário graduado do MI5 com quem tenho algum contato através de meu trabalho para a Alfândega de Sua Majestade e fui devidamente encaminhado a este... este departamento.

O Dr. Fanshawe estendeu as mãos e lançou a Bond um olhar breve.

— E é isto, comandante, tudo o que tenho a contar-lhe.

M interrompeu: — Obrigado, doutor. Apenas uma ou duas perguntas para terminar. O senhor examinou este objeto, esta bola de esmeralda e a proclamou genuína?

— Certamente. E o mesmo fez o Sr. Snowman, de Wartski's, os maiores especialistas e negociantes de Fabergé no mundo. Trata-se, sem dúvida, da peça desconhecida cujo registro único só se tinha, até agora, através do esboço de Carl Fabergé.

— E quanto à procedência? Que dizem os especialistas a respeito?

— A história parece exata. As maiores peças de Fabergé foram quase sempre encomendadas por particulares. A Senhorita Freudenstein diz que seu avô era um homem imensamente rico antes da revolução — um fabricante de porcelana. Noventa e nove por cento de todos os trabalhos de Fabergé conseguiram sair. Existem apenas umas poucas peças conservadas no Kremlin — descritas simplesmente como “exemplos pré-revolucionários da joalheria russa”. A opinião oficial soviética sempre foi a de que não passavam de bugigangas capitalistas. Oficialmente, eles as desprezam.

— Quer dizer que os soviéticos ainda conservam alguns exemplares da obra deste homem Fabergé. É possível que essa coisa de esmeralda permanecesse escondida em qualquer parte do Kremlin durante todos estes anos?

— Seguramente. O tesouro do Kremlin é vasto. Ninguém sabe o que é que eles têm escondido. Só recentemente foi que colocaram em exposição aquilo que queriam expor.

M tragou o seu cachimbo. Seus olhos através da fumaça eram afáveis. — Portanto, teoricamente, nada impede que esta bola de esmeralda tivesse sido desenterrada do Kremlin, equipada com uma história falsa para estabelecer propriedade; e transferida para o estrangeiro como recompensa a algum

amigo da Rússia por serviços prestados?

— Nada impede. Seria um método engenhoso de recompensar o beneficiário sem depositar somas de vulto na sua conta bancária.

— Mas a recompensa monetária final dependeria da quantia alcançada pela venda do objeto — o preço do leilão, por exemplo?

— Exatamente.

— E quanto o senhor espera que este objeto alcance no Sotheby's?

— Impossível dizer. Watski's certamente farão um lance. Mas o certo é que muito dependeria da altura a que fossem forçados por outros licitantes. De qualquer forma, não seria menos do que cem mil libras, creio.

— Hum! — A boca de M voltou-se para baixo. — Pedaco dispendioso de joalheria.

O Dr. Fanshawe ficou obviamente chocado com essa revelação desavergonhada do filistinismo de M.

Bond queria conduzir o Dr. Fanshawe para fora da sala a fim de que pudessem atacar os aspectos profissionais deste estranho negócio. Pôs-se de pé. Falou a M: — Bem, sir, acho que é tudo que precisava saber. Não há dúvida que as coisas acabarão na mais perfeita paz e ordem (que mentira infernal!) Com a diferença única de que uma de suas funcionárias se tornará uma mulher muito feliz. Mas o Dr. Fanshawe foi muito gentil, dando-se a todo este trabalho.

Voltou-se para o Dr. Fanshawe: — Gostaria que um carro do Ministério o levasse a algum lugar?

— Não, obrigado, muito obrigado. Será agradável caminhar através do parque.

Mãos se apertaram, bons dias foram desejados e Bond acompanhou o doutor até a porta. Bond voltou à sala. M tinha tirado de uma gaveta um volumoso fichário, selado com a estrela vermelha de alto sigilo e já mergulhara na sua leitura. Bond voltou a sentar-se e esperou. A sala estava em silêncio exceto pelo farfalhar dos papéis. Que também parou quando M extraiu uma folha tamanho ofício de cartolina azul usada para registros confidenciais sobre os funcionários, e cuidadosamente percorreu com a vista a floresta de tipos muito juntos em ambos os lados.

Finalmente, enfiou-a de volta no fichário e olhou para o alto: — Sim,

disse ele, e os olhos azuis brilhavam de interesse. — Tudo se encaixa muito bem. A jovem nasceu em Paris em 1935. Mãe muito ativa na Resistência durante a guerra. Ajudou o funcionamento de um ponto de fuga muito bem sucedido e não se deixou apanhar. Depois da guerra, a garota frequentou a Sorbonne e então conseguiu emprego na Embaixada, no escritório do adido naval, como intérprete.

— Você sabe o resto. Foi envolvida — algum caso sexual pouco atraente — por alguns velhos amigos de sua mãe, dos tempos da Resistência, que então trabalhavam para a NKVD, e a partir desse momento vem trabalhando sob controle. Requereu, sem dúvida instruída, a cidadania britânica. Sua saída da Embaixada e a atuação da mãe com a Resistência ajudaram-na a conseguir a cidadania em 1959, e ela nos foi então recomendada pelo Foreign Office. Mas foi aí que cometeu o seu grande erro. Pediu-nos um ano de prazo antes de vir trabalhar conosco, e foi em seguida localizada pela rede Hutchinson na escola de espionagem de Leningrado. Ali presumivelmente recebeu o treinamento usual e tivemos que decidir o que faríamos com ela. A Seção 100 bolou a operação Código Púrpura e você sabe o resto. Trabalha há três anos dentro da sede para a KGB e agora está recebendo a sua recompensa — esta bola de esmeralda no valor de cem mil libras.

— E o fato é interessante por dois motivos. Primeiro a KGB está totalmente agarrada ao Código Púrpura, caso contrário não faria este pagamento fantástico. São boas notícias. Significa que podemos esquentar o material que estamos passando. Segundo, explica algo que nunca podemos entender — que essa garota até agora não tenha recebido pagamento por seus serviços. Estávamos preocupados com isso. Tinha uma conta no seu banco que só registrava seu cheque de pagamento mensal de cerca de cinquenta libras. E ela vinha vivendo só com isso. Agora está recebendo a sua recompensa numa grossa soma por meio dessa bugiganga. Tudo muito satisfatório.

Bond sentiu que existiam algumas arestas por aparar neste problema — uma, em particular. Disse suavemente: — Chegamos alguma vez a assinalar o seu controle local? Como é que recebe as instruções?

— Não precisa disso — falou M com impaciência. — Uma vez de posse do Código Púrpura, tudo o que tinha a fazer era manter-se no emprego. Que diabo, rapaz, ela sopra novidades nos ouvidos deles seis vezes por dia. Que tipo de instruções precisariam enviar? Duvido até que os homens da KGB em Londres saibam da sua existência — talvez o diretor-residente sim, mas,

como você sabe, nem o conhecemos. Daria meus olhos para descobrir.

Bond subitamente teve um lampejo de intuição. — Pode ser que este negócio no Sotheby's nos mostrasse — nos mostrasse quem é ele.

— Que diabo de história é esta, 007?

— Bem, sir — a voz de Bond era calma e segura — lembre o que este Dr. Fanshawe disse sobre um outro licitante — alguém que forçasse esses negociantes do Wartski até o preço máximo. Se os russos parecem não conhecer ou ligar muito para Fabergé, como sugere o Dr. Fanshawe, pode ser que não tenham também uma ideia muito clara do valor desta coisa. Podem imaginar que valha o seu valor material — vamos dizer dez ou vinte mil libras pela esmeralda. Aquela soma faria muito mais sentido que a pequena fortuna que a moça vai ganhar se o Dr. Fanshawe estiver certo. Bem, se o diretor-residente é o único homem que sabe dessa garota, será também o único homem a saber que ela está sendo paga. Portanto, será o outro licitante. Será enviado ao Sotheby's e instruído para forçar o preço a sair pelo teto. Estou certo disto. Assim poderemos identificá-lo e descobrir coisas sobre ele, suficientes para mandá-lo de volta a seu país. Nem chegará a saber como foi que o pegaram. Nem a KGB. Se eu puder ir ao leilão e apanhá-lo, e o local estará cheio de câmaras e haverá os registros do leilão, poderemos conseguir que o Foreign Office o declare persona non grata dentro de uma semana. E os diretores-residentes não crescem em árvores. Talvez leve muitos meses até que a KGB possa indicar um substituto para ele.

M falou pensativamente: — É capaz que você tenha encontrado alguma coisa em tudo isso.

Olhou pela grande janela em direção da silhueta dentada dos prédios de Londres. Finalmente disse: — Está bem, 007. Vá ao chefe do Estado-Maior e ponha a máquina em funcionamento. Eu acerto as coisas com Cinco. O território é deles, mas a presa é nossa .

Wartski tem uma fachada moderna, modesta, em Regent Street, 138. A vitrina, com uma mostra reduzida de joalheria moderna e antiga, não dava a menor ideia do que estes eram os maiores negociantes de Fabergé no mundo, mas o interior, com a coleção de Autorizações Reais emolduradas da Rainha Mary, da rainha-mãe, da rainha, do Rei Paulo da Grécia e do improvável Rei Frederico IX da Dinamarca, sugeriam que esse não era um joalheiro comum.

James Bond perguntou pelo Sr. Kenneth Snowman. Um homem de boa aparência e bem vestido nos seus 40 anos veio cumprimentá-lo. Bond disse

suavemente: — Sou do CID. Podemos ter uma conversa? Talvez o senhor queira verificar minhas credenciais primeiro? Meu nome é James Bond. Mas o senhor terá que ir diretamente ao chefe ou ao seu PA. Não estou exatamente na força da Scotland Yard. Faço uma espécie de trabalho de ligação.

Os olhos inteligentes e observadores nem mesmo pareceram olhar além dele. — Vamos descer.

Foi à frente mostrando o caminho, descendo uma escada estreita, coberta por um tapete espesso, até uma vasta e brilhante sala-mostruário que era obviamente o verdadeiro cofre do tesouro da loja. Ouro e diamantes e pedras lapidadas cintilavam nos estojos iluminados que cobriam as paredes em volta.

— Sente-se. Cigarro?

Bond tirou um dos seus. — É sobre esta peça Fabergé que será leiloadá amanhã no Sotheby's — esta Esfera de Esmeralda.

— Ah, sim — as sobancelhas claras do Sr. Snowman sulcaram-se ansiosamente. — Espero que não haja nenhum problema com a peça.

— Não do seu ponto de vista. Mas estamos muito interessados na venda em si. Conhecemos a proprietária, a Srta Freudenstein. Achamos que é possível haver uma tentativa de levantar os lances artificialmente. Estamos interessados no outro licitante — isto é, presumindo que a sua firma encabece o leilão.

— Bem, é... sim — disse o Sr. Snowman com uma franqueza bastante cautelosa. — É certo que vamos procurar arrematá-la. Mas será vendida a um preço enorme. Entre nós, esperamos que o Museu de Vitória e Alberto concorra e provavelmente o Metropolitano de Nova York. Mas é algum facínora que os senhores estão procurando? Se for, não se preocupem. Isso não é para a sua classe.

Bond disse: — Não. Não estamos procurando um facínora.

Perguntou a si mesmo até que ponto devia ir com esse homem. Porque as pessoas são cuidadosas com os segredos de sua própria profissão, isso não quer dizer que serão cuidadosas com os segredos da nossa. Bond apanhou uma placa de madeira e marfim que estava sobre a mesa. Dizia:

Isto não vale nada, isto não vale nada, diz todo comprador:

E depois de se retirar ele então se jactará.

Provérbios XX, 14.

Bond achou engraçado. E disse: — Pode-se ler toda a história do bazar, do negociante e do freguês atrás desta citação disse ele. Olhou para o Sr. Snowman bem nos olhos. — Preciso daquele faro, daquele tipo de intuição neste caso. O senhor me dará uma ajuda?

— Certamente. Se o senhor me disser em que posso ajudá-lo — fez um gesto com a mão. — Se são segredos que o preocupam, por favor não receie. Os joalheiros estão habituados aos segredos. A Scotland Yard provavelmente dará à minha firma uma folha corrida limpa a esse respeito. Deus sabe, temos tido muito contato com ela através destes anos.

— E se lhe dissesse que sou do Ministério da Defesa?

— Dá no mesmo — disse o Sr. Snowman. — O senhor pode naturalmente ter a mais absoluta confiança em minha descrição!

Bond chegou a uma decisão. — Está certo. Bem, tudo isso está sob os Atos Oficiais Secretos, naturalmente. Suspeitamos que o outro licitante que fará provavelmente concorrência à sua firma será um agente soviético. Minha missão é estabelecer a sua identidade. Não posso contar-lhe mais, sinto. E na verdade o senhor não precisa saber de mais nada. Tudo o que quero é ir com o senhor ao Sotheby's amanhã à noite e que o senhor me ajude a localizar o homem. Não prometemos medalhas, lamento, mas ficaríamos imensamente gratos ao senhor.

Os olhos do Sr. Kenneth Snowman brilharam com entusiasmo. — Naturalmente. Sinto-me contente em ajudar de qualquer forma. Mas — mostrou um ar duvidoso — o senhor sabe que não vai ser tão fácil assim. Peter Wilson, o diretor do Sotheby's, que estará orientando o leilão, seria a única pessoa capaz de nos revelar com certeza — isto é, se o licitante quiser permanecer incógnito. Existem dezenas de maneiras de concorrer a um leilão sem fazer qualquer movimento. Mas se o licitante fixar o seu método, o seu código, por assim dizer, com Peter Wilson antes da venda, Peter não daria a ninguém, em hipótese alguma, conhecimento do código. Seria mostrar o jogo do licitante, revelar o seu limite. E isso é um segredo fechado, como o senhor pode imaginar, nas salas de leilão.

— Eu provavelmente estarei dando o ritmo. Já sei até que ponto posso ir — para um cliente, a propósito — mas meu trabalho seria muito mais fácil se soubesse até onde o outro licitante pretende ir. No caso, o que o senhor me contou foi um grande auxílio. Aconselharei ao meu homem que coloque ainda

mais alto os seus lances. Se este sujeito seu for corajoso poderá fazer-me uma pressão fortíssima. E haverá outros em campo, certamente. Parece que será uma noite e tanto. Vão transmiti-la pela televisão. Publicidade maravilhosa, naturalmente. Deus meu, se soubessem que existia uma história de capa e espada dentro desta venda, haveria um tumulto! Muito bem, algo mais além disso? Basta apenas localizar esse homem, nada mais?

— É tudo. Quanto acha o senhor que esta coisa alcançará? O Sr. Snowman batucou nos dentes com uma lapiseira de ouro. — Bem, quer dizer, é aí que devo manter-me em silêncio. Sei até que preço posso ir, mas isso é segredo do meu cliente.

Fez uma pausa, com um ar pensativo. — Digamos que, se sair por menos de cem mil libras, ficaremos surpresos.

— Entendido — disse Bond. — E como é que posso assistir ao leilão?

O Sr. Snowman exibiu uma elegante carteira de crocodilo e extraiu dois pedacinhos de cartão impresso. Entregou um deles. — Este é o de minha mulher. Conseguirei um outro lugar para ela na sala. B5 — bem situado no centro à frente. O meu é B6.

O Sr. Snowman levantou-se da cadeira. — O senhor gostaria agora de ver alguns Fabergés? Temos aqui algumas peças que meu pai comprou do Kremlin por volta de 1927. Poderão dar-lhe alguma ideia sobre essa confusão toda, embora, naturalmente, a Esfera de Esmeralda seja incomparável, muito mais fina do que qualquer coisa de Fabergé que posso mostrar-lhe, com exceção dos Ovos de Páscoa Imperiais.

Mais tarde, ofuscado pelos diamantes, pelo ouro multicolorido, pelo brilho sedoso dos esmaltes translúcidos, James Bond subiu e deixou a Caverna de Aladim sob a Regent Street e foi então passar o resto do dia nos escritórios monótonos em volta de Whitehall, planejando detalhes áridos e minuciosos para identificar e fotografar um homem numa sala cheia de gente, um homem que ainda não tinha um rosto ou uma identidade mas que era certamente o espião soviético número um em Londres.

Durante todo o dia seguinte, a excitação de Bond aumentou.

Conseguiu inventar um pretexto para percorrer a pequena sala em que a Srta Maria Freudenstein e duas assistentes trabalhavam nas máquinas cifradas que manipulavam os despachos no Código Púrpura.

Apanhou o arquivo *en clair* — tinha liberdade de acesso à maior parte do

material na sede — e percorreu com os olhos os parágrafos cuidadosamente editados que, dentro de mais ou menos meia hora, seriam recebidos, picotados e não lidos, por algum funcionário subalterno do CIA em Washington e, em Moscou, levados com reverência a um alto funcionário da KGB

Brincou com as duas jovens assistentes, mas Maria Freudenstein se limitou a lançar-lhe um sorriso polido do outro lado de sua máquina, e a pele de Bond arrepiou-se ante esta proximidade da traição e do segredo negro e mortífero encerrado debaixo da blusa branca de babados.

Era uma garota sem graça com uma pele pálida, um tanto espinhenta, cabelos negros e uma vaga aparência de pouco banho. Uma garota assim não seria amada, teria poucos amigos, carregaria alguns complexos — em particular por ser filha ilegítima — e uma queixa contra a sociedade. Talvez seu único prazer na vida fosse o segredo triunfal que acalentava dentro daquele peito liso — o conhecimento de que era mais esperta que todos à sua volta, que diariamente revidava contra o mundo — o mundo que a desprezava ou apenas a ignorava devido à sua maneira desgraciosa — revidava com toda a sua força. Um dia eles se arrependeriam!

Era um comportamento neurótico comum — a vingança do patinho feio contra a sociedade.

Bond seguiu pelo corredor até o seu escritório. Esta noite aquela garota teria feito uma fortuna, receberia os seus trinta dinheiros multiplicados por mil. Talvez o dinheiro mudasse o seu caráter e lhe trouxesse a felicidade. Ela poderia pagar os melhores especialistas em beleza, as melhores roupas, um belo apartamento.

Mas M dissera que ia esquentar a operação Código Púrpura, tentando um jogo de enganar num nível mais perigoso. Seria um trabalho arriscado. Um passo em falso, uma mentira pouco cautelosa, uma falsidade verificável em alguma mensagem e a KGB sentiria o cheiro do rato. Uma reincidência e eles descobririam que estavam sendo iludidos e provavelmente tinham sido iludidos descaradamente por três anos. Uma revelação tão vergonhosa traria uma rápida vingança. Deduziriam que Maria Freudenstein atuara como agente duplo, trabalhando para os britânicos bem como para os russos. Seria inevitavelmente liquidada, sem demora.

James Bond olhou pela janela as árvores no parque e sacudiu os ombros. Graças a Deus nada tinha a ver com isto! O destino da jovem não estava em suas mãos. Fora apanhada pela máquina sórdida da espionagem e teria muita sorte se conseguisse viver o bastante para gastar um décimo da fortuna que

ganharia dentro de poucas horas nas salas de leilão.

Havia uma fila de carros e táxis bloqueando a George Street atrás do Sotheby's. Bond pagou o táxi e juntou-se às pessoas que se infiltravam por baixo do toldo e subiam as escadas. O porteiro uniformizado que verificou o seu ingresso entregou-lhe um catálogo e Bond subiu a ampla escadaria com uma multidão elegante e animada, seguiu ao longo de uma galeria e penetrou na principal sala de leilões, já apinhada de gente. Dirigiu-se ao seu lugar ao lado do Sr. Snowman, que escrevia cifras num bloco apoiado sobre o joelho, e olhou em redor.

A sala de teto alto era talvez grande como uma quadra de ténis. Quadros e tapeçarias variados pendiam das paredes verde-oliva e baterias de câmaras da televisão e outras (entre as quais a do fotógrafo do MI5 com um passe de imprensa de The Sunday Times) agrupavam-se com os seus manipuladores numa plataforma construída em frente e bem no meio de uma gigantesca tapeçaria com cenas de caça.

Havia talvez uma centena de negociantes e espectadores sentados atentamente nas pequenas cadeiras douradas. Todos os olhares se concentravam no leiloeiro esguio e bem apessoado que falava suavemente do elevado púlpito de madeira. Vestia um imaculado *dinner jacket* com um cravo vermelho na lapela. Falava sem ênfase e sem gestos. A voz quieta prosseguiu calmamente, sem pressa, enquanto na plateia os licitantes igualmente impassíveis assinalavam suas respostas à ladainha.

À medida que avançavam os lances, Bond deixou o seu lugar e foi pelo corredor até o fundo da sala onde o excesso de audiência se espalhava pela Nova Galeria e pelo Saguão de Entrada para assistir ao leilão na televisão em circuito fechado.

Inspecionou casualmente a multidão procurando algum rosto que pudesse reconhecer dentre os duzentos membros do pessoal da Embaixada Soviética cujas fotografias, obtidas clandestinamente, tinha estudado durante os últimos dias. Mas no meio de um público que desafiava qualquer classificação uma mistura de negociantes, colecionadores amadores e o que se podia englobar de um modo geral como ricos em busca de prazer não havia um único traço, quanto mais um rosto que pudesse reconhecer exceto através das colunas sociais. Um ou dois rostos amarelados podia ser que fossem russos, mas podiam igualmente pertencer a uma meia dúzia de outras raças europeias. Havia alguns óculos escuros aqui e ali, mas óculos escuros não são mais disfarce.

Bond voltou a seu lugar ao lado do Sr. Snowman. Presumivelmente o homem teria de se revelar quando os lances começassem. O Sr. Snowman voltou-se para Bond: — Tenho que prestar atenção aos lances e por alguma razão desconhecida se considera indelicado olhar por cima do ombro para ver quem está fazendo lances contra a gente — isto é, se você pertence a este comércio — e portanto só poderei localizá-lo se estiver em algum lugar à minha frente e temo que isto seja pouco provável, pois são na maioria negociantes; mas você pode olhar em redor à vontade.

— O que você deve fazer é observar os olhos de Peter Wilson e então verificar para quem ele está olhando, ou quem está olhando para ele. Se você conseguir localizar o homem, o que poderá ser muito difícil, observe todo movimento que ele fizer, até os menores gestos. Tudo que o homem faça — cocar a cabeça, puxar a ponta da orelha ou seja lá o que for — pertencerá a um código que ele combinou com Peter Wilson. É pena, mas ele não fará nada de muito óbvio, como erguer o catálogo. Entendeu? — E não esqueça que ele poderá não fazer absolutamente nenhum movimento até bem no final quando me levou ao ponto que julga o meu máximo e então fará o sinal de desistência. Veja bem — o Sr. Snowman sorriu — quando chegarmos ao último estágio vou esquentar a coisa para o lado dele e tentar fazê-lo mostrar a mão. Isto supondo, naturalmente, que sejamos ainda os dois únicos licitantes.

Parecia enigmático: — E eu lhe asseguro que seremos.

Vendo a certeza do homem, James Bond sentiu que seguramente o Sr. Snowman tinha recebido instruções para conseguir a Esfera de Esmeralda a qualquer custo.

Um silêncio súbito caiu sobre a sala quando um alto pedestal envolto em veludo negro foi trazido com cerimônia e colocado em frente da tribuna do leiloeiro. Então uma bela caixa oval do que parecia veludo branco foi posta no topo do pedestal e, com reverência, um carregador idoso em uniforme cinza com mangas, lapela e cinto cômico de vinho abriu-a e tirou o Lote 42, colocou-o sobre o veludo negro e levou a caixa.

A bola de críquete de esmeralda polida em sua maravilhosa base reluzia com um fogo verde sobrenatural e as joias em sua superfície e no meridiano opalescente piscaram com suas variegadas cores.

Houve um suspiro de admiração da audiência e até os funcionários e especialistas atrás da tribuna e sentados no elevado balcão de contabilidade ao lado do leiloeiro, acostumados a ver desfilar à sua frente as joias das coroas

europeias, inclinaram-se a fim de olhar melhor.

James Bond abriu o catálogo. Ali estava, em tipos grandes e em prosa tão pegajosa e luxuriante como um sorvete de caramelo:

O GLOBO TERRESTRE. Criado em 1917 por Carl Fabergé para um fidalgo russo, agora propriedade de sua neta.

42. UM GLOBO TERRESTRE DE FABERGÉ MUITO IMPORTANTE. Uma esfera talhada de uma peça matriz extraordinariamente grande de esmeralda siberiana pesando aproximadamente mil e trezentos quilates e de uma côr soberba e translucidez intensa, representa um globo terrestre apoiado numa elaborada armação com arabescos de *rocaille* finamente cinzelada em ouro *quatre-couleur* e incrustada com uma profusão de diamantes-rosas e pequenas esmeraldas de côr intensa formando um relógio de mesa. Em volta dessa armação seis *putti* se divertem entre formas de nuvens executadas em perfeita imitação do natural entalhadas em cristal de rocha de fino acabamento e cobertas por tênues fios de diamantes-rosas.

O globo em si, cuja superfície foi meticulosamente entalhada com um mapa do mundo tendo as principais cidades indicadas por diamantes de brilho intenso encravados em engastes circulares de ouro, efetua uma rotação mecânica em torno de um eixo controlado por um pequeno dispositivo de relojoaria, de G. Moser, assinado, que se acha oculto na base, e é envolto por uma cintura fixa de ouro esmaltado com ostra opalescente ao longo de uma faixa reservada em técnica de *champlevé* sobre uma *moiré guillochage* com números pintados em esmalte sépia pálido servindo como mostrador do relógio, e um único rubi triangular sangue-de-pombo da Birmânia de 5 quilates encravado na superfície do orbe, indicando a hora. Altura: 7 1/2 polegadas. Mestre-executante: Henrik Wigström. Na caixa original de abertura dupla em veludo branco, forrada de cetim, oviforme com a chave de ouro embutida na base.*

Após um olhar breve e investigador em volta da sala, o Sr. Wilson bateu suavemente o martelo. — Lote 42 — um objeto de arte por Carl Fabergé.

Uma pausa. — Vinte mil libras, para começar.

O Sr. Snowman sussurrou a Bond: — Isso quer dizer que provavelmente ele tem um lance de pelo menos cinquenta. É apenas para pôr as coisas em movimento.

Catálogos tremularam. — E trinta, quarenta, cinquenta mil libras, alguém cobre o lance? E sessenta, setenta e oitenta mil libras. E noventa.

Uma pausa e então: — Cem mil libras, quem cobre o lance?

Irrompeu uma salva de palmas. As câmaras tinham-se voltado para um homem bastante jovem, um de três numa plataforma elevada à esquerda do leiloeiro que falavam agora suavemente em telefones. O Sr. Snowman comentou: — Aquele é um dos rapazes do Sotheby's. Está em ligação direta com a América. Imagino que seja o lance do Metropolitano, mas podia ser qualquer outro interessado. Agora chegou minha hora de trabalhar.

O Sr. Snowman agitou rapidamente o seu catálogo enrolado.

— E dez — disse o leiloeiro. O homem falou ao telefone e fez um gesto com a cabeça. — E vinte. Novamente um sinal do Sr. Snowman.

— E trinta.

O homem ao telefone parecia estar dizendo ao bocal maior número de palavras do que da vez anterior — talvez dando os seus cálculos de até quanto poderia subir o preço. Fez um ligeiro gesto de cabeça na direção do leiloeiro e Peter Wilson retirou o olhar do jovem e percorreu a sala com os olhos.

— Cento e trinta mil libras, quem cobre o lance? — Repetiu calmamente.

O Sr. Snowman disse em voz baixa a Bond: — Agora esteja alerta. A América parece que desistiu. Chegou o momento do nosso homem começar a me empurrar.

James Bond deixou o seu lugar e foi instalar-se entre um grupo de repórteres num canto à esquerda da tribuna.

Os olhos de Peter Wilson dirigiam-se para o canto direito do fundo da sala. Bond não pôde detectar nenhum movimento, mas o leiloeiro anunciou: — E quarenta mil libras.

Olhou para o Sr. Snowman. Após uma longa pausa, o Sr. Snowman levantou cinco dedos. Bond pensou que isso fazia parte do processo de esquentar a coisa. Ele mostrava relutância, sugerindo que já estava próximo do fim do pavio.

— Cento e quarenta e cinco mil libras — novamente o olhar penetrante até o fundo da sala. Novamente nenhum movimento. Mas ainda desta vez algum sinal fora trocado. — Cento e cinquenta mil libras.

Houve um murmúrio de comentários e algumas palmas irregulares. Desta vez a reação do Sr. Snowman foi ainda mais lenta e o leiloeiro repetiu duas vezes o último lance. Por fim, olhou diretamente para o Sr. Snowman: — Contra o cavalheiro.

Finalmente o Sr. Snowman ergueu cinco dedos.

— Cento e cinquenta e cinco mil libras.

James Bond começava a suar. Não tinha feito nenhum progresso até ali. O leiloeiro repetiu o lance.

E agora houve um minúsculo movimento. No fundo da sala, um homem atarracado num terno escuro ergueu a mão e tirou discretamente seus óculos escuros. Era um rosto macio, indefinível — o tipo do rosto que poderia pertencer a um gerente de banco, um membro do Lloyd's ou um médico. Este deve ter sido o código combinado com o leiloeiro. Enquanto o homem permanecesse de óculos escuros, ele aumentaria os lances em dezenas de milhares. Quando tirasse os óculos, teria desistido.

Bond lançou um rápido olhar para a plataforma dos cinegrafistas. Sim, o fotógrafo do M15 o estava seguindo. Também tinha visto o movimento. Ergueu a câmara deliberadamente e viu-se o brilho rápido de um flash. Bond voltou ao seu lugar e sussurrou a Snowman: — Pegamos o homem. Ficarei em contato com o senhor. Muito obrigado.

O Sr. Snowman apenas mexeu a cabeça. Seus olhos permaneceram grudados no leiloeiro.

Bond deixou o seu lugar e caminhou rapidamente pelo corredor enquanto o leiloeiro dizia pela terceira vez: — Cento e cinquenta e cinco mil libras, quem cobre o lance? — E então baixava o martelo: — É seu, sir.

Bond chegou ao fundo da sala antes que o público, aplaudindo, se pusesse de pé. A sua presa estava encurralada entre as cadeiras douradas. Agora tinha recolocado os óculos escuros e Bond colocou também os seus. Conseguiu infiltrar-se pela multidão e chegar até atrás do homem enquanto o público tagarela derramava-se pelas escadas. Os cabelos desciam pela nuca no pescoço um tanto volumoso do homem. Tinha uma ligeira corcunda, talvez apenas uma deformação óssea, no alto de suas costas. Bond subitamente lembrou. Era Piotr Malinowski, que tinha entre o pessoal da Embaixada o título oficial de “Adido Agrícola”. Pois sim!

Na rua o homem começou a caminhar apressadamente em direção da

Conduit Street. James Bond entrou calmamente no táxi com o motor ligado e a bandeira baixa. — É ele. Vá com calma.

— Sim senhor — disse o chofer do MI5, afastando-se da calçada.

O homem tomou um táxi na Bond Street. Era fácil acompanhá-lo no tráfego noturno. A satisfação de Bond cresceu quando o táxi do russo virou ao norte do parque e seguiu ao longo de Bayswater. Era apenas uma questão de verificar se faria a curva na entrada particular em Kensington Palace Gardens, onde a primeira mansão à esquerda é o edifício sólido da Embaixada Soviética. Se isso acontecesse, o caso estava encerrado. Os dois policiais de patrulha, os costumeiros guardas da Embaixada, tinham sido especialmente escolhidos naquela noite. Era sua tarefa confirmar que o passageiro do táxi que seguiam tinha de fato entrado na Embaixada Soviética.

E então, com as provas colhidas pelo serviço secreto e as provas de Bond e do fotógrafo do MI5, haveria o bastante para o Foreign Office declarar o camarada Piotr Malinowski persona non grata sob a acusação de atividades de espionagem e mandá-lo fazer as malas. No implacável jogo de xadrez que é o trabalho do serviço secreto, os russos teriam perdido uma rainha. Teria sido uma visita muito satisfatória às salas de leilão.

O táxi que seguiam chegou ao portão e entrou. Bond sorriu com satisfação impiedosa. Inclinou-se para a frente:

— Obrigado, chofer. Por favor, leve-me à sede, sim?

*O lema desta esfera magnífica é o mesmo que havia inspirado Fabergé uns 15 anos antes, conforme evidenciado no globo terrestre em miniatura que faz parte da Coleção Real em Sandringham. (Ver figura 280 em *A Arte de Carl Fabergé*, por A. Kenneth Snowman.)

James Bond acusa!

(OCTOPUSSY)

— Quer saber de uma coisa? — disse o Major Dexter Smythe ao polvo de sua particular estima. — Se a sorte me ajudar, você vai saborear um pitêu dos mais raros!

Falara alto e o seu bafo embaciara o vidro da máscara Pirelli, usada nos mergulhos. Observando a cabeça escura do molusco, o Major firmou-se na areia e se pôs de pé. A água lhe chegara à altura das axilas. Tirou a máscara. Cuspiu nela. Espalhou a saliva no vidro redondo. Limpou-a e, uma vez desembaciada, ajustou a tira de borracha por trás da cabeça. E, então, mergulhou de novo.

O olho do molusco o observava cuidadosamente, de sua loca, no recife de coral. Agora, a ponta de um dos oito tentáculos avançava uma ou duas polegadas, ondulando hesitantemente, como se fizesse uma vaga exploração com as ventosas rosadas. Dexter Smythe sorriu com satisfação. Se lhe fosse dado o tempo necessário, ao menos um mês mais, além dos dois durante os quais se acamaradara com o polvo, decerto domesticaria inteiramente o fascinante animal. Mas temia que não chegasse a viver tanto. Devia aproveitar aquela oportunidade para se aproximar do molusco e lhe oferecer a mão de amigo. Sim... Em vez de limitar-se a lhe dar comida, na ponta de um arpão, devia, por assim dizer, apertar-lhe a mão, não era mesmo? “Não, ainda não, meu negrinho — pensou —, ainda não posso ter confiança em você...” Com toda a certeza, se fosse imprudente, outros tentáculos sairiam da loca lhe envolveriam o braço. E, puxado pelo polvo, a válvula de corliça da máscara se fecharia automaticamente. Ficaria sufocado. Ou, se o polvo a arrancasse, na certa morreria afogado. Quando muito, com um golpe rápido e feliz do arpão, poderia ferir o octópode, mas para matá-lo seria preciso muito mais do que isso. Não... Talvez mais tarde. Agora, seria o mesmo que enfrentar uma rolêta-russa, com cinco chances contra e uma só a favor. Poderia, mesmo, representar um meio rápido, eficaz e bizarro de pôr termo aos seus aborrecimentos! Mas, agora... não! Isso deixaria insolúvel uma questão sumamente interessante. E ele havia prometido resolvê-la... Dera a sua palavra ao simpático Professor Bengry, do Instituto Biológico Marinho.

Dexter Smythe afastou-se do recife de coral, nadando lentamente. Seus olhos atentos buscavam, com empenho, a forma estranha e sinistra do peixe-escorpião, ou, como diria Bengry, do *Scorpaena Plumieri*.

O Major Dexter Smythe, condecorado com a Ordem do Império Britânico, oficial do Corpo de Fuzileiros Reais (reformado), era o que restava de um outrora bravo militar e homem encantador, que fazia conquistas sexuais fáceis em todos os meios em que atuava fardado. Principalmente entre o pessoal das organizações militares femininas — as Wrens, as Wracs e as moças do ATS, incumbidas das comunicações e do secretariado das forças-tarefas especiais, de que ele fizera parte, no fim de sua carreira. Tinha agora cinquenta e quatro anos. Estava ligeiramente calvo. E sua barriga se acomodava com certa dificuldade nos apertados limites do calção de banho. Além disso, tivera já duas complicações coronárias. Seu médico era Jimmy Graves, que fora um dos seus parceiros no jogo de pôquer de cacife altíssimo, no Queen's Club, logo que ele chegara, com a mulher, à Jamaica. Meio a sério, meio brincando, o médico havia descrito a última dessas complicações, ocorrida um mês antes, como sendo a “segunda advertência”. Mas, em suas roupas bem talhadas, ocultas as muitas varizes às vistas indiscretas, com a barriga comprimida por uma larga cinta que o imaculado colête-faixa disfarçava, o antigo militar ainda fazia boa figura, num coquetel ou num jantar, em North Shore. Para seus amigos e vizinhos dessa praia, era um mistério o motivo pelo qual desafiava ele as recomendações do médico. Este lhe impusera uma dieta de uísque e de cigarros, limitados respectivamente a dois e a dez por dia, mas ele insistia em fumar como uma chaminé e em ir sempre para a cama bêbedo. Agradavelmente bêbedo.

A verdade é que Dexter Smythe tinha chegado à fronteira em que o instinto da vida começa a ceder ao desejo da morte. As origens desse estado de espírito eram muitas e complexas. Estava irremediavelmente amarrado à Jamaica. A indolência tropical apoderara-se gradualmente de seu organismo, de tal modo que, se aparentava ser uma sólida peça de madeira de lei, interiormente não era mais que um tronco fofo, corroído pelos cupins. Tinha um exterior envernizado, mas ilusório. A preguiça, o relaxamento, o sentimento de culpas antigas, o total desgosto em relação a si mesmo haviam erodido o seu cerne, transformando-o em pó de serragem. Desde a morte de Mary, dois anos antes, não tinha mais amado a ninguém. Nem sequer estava certo de que realmente a havia amado. Sabia, porém, que sentia a ausência dela a todas as horas do dia, que sentia falta de seu afeto e de sua alegria, de sua presença desmazelada, barulhenta e, por vezes, irritante. Enquanto

devorava canapés e bebia martinis da ralé internacional que frequentava em North Shore, ele se apercebia de que não nutria por essa gente outro sentimento que não fosse o de completo desprezo. Poderia, talvez, ter feito amigos entre elementos mais respeitáveis, os fazendeiros do interior da ilha, os proprietários do litoral, os representantes das profissões liberais e do mundo político local. Mas isso significaria voltar a ter propósitos sérios numa vida em que a preguiça e o embotamento espiritual limitaram-se ao fundo das garrafas. Tal coisa estava inteiramente fora de suas cogitações.

O Major Smythe estava mortalmente entendiado e, se não fosse por determinado motivo, já teria há muito tempo engolido o vidro de barbitúricos que com facilidade adquirira a um dos médicos da ilha. O fio que ainda o prendia à vida era muito tênue. Os grandes bebedores tendem a exagerar o seu temperamento básico, que é sempre um destes quatro: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico. O bêbedo sanguíneo torna-se alegre até à histeria ou à idiotia. O fleumático afunda-se num abatimento sombrio. O colérico é o ébrio turbulento das caricaturas, que passa a maior parte do tempo na prisão, por ter quebrado coisas ou agredido pessoas. E o melancólico é o beberrão que tem pena de si mesmo, geralmente vomitando ou se desmanchando em prantos. O Major Smythe era um melancólico, com a curiosa e divertida fantasia de fazer relações pessoais com aves, insetos e peixes existentes nos cinco acres de Wavelet, isto é, de Ondinhas, nome sintomático que dera à sua pequena villa. A praia e o recife de coral, além dela, eram os seus lugares prediletos. E, entre todos os seres, preferia os peixes. Referia-se a eles como à “gente do mar” e, uma vez que os peixes, como as aves, são fiéis aos seus recantos, ao fim de dois anos ele os conhecia a todos intimamente, amava-os e acreditava ser retribuído por eles com igual amor.

Certo, eles o conheciam, como os animais de um Jardim Zoológico conhecem os seus tratadores. Como estes, ele lhes ia levar o alimento diário, arrecadando pedacinhos de algas e revolvendo a areia e os seixos do fundo do mar, para ajudar os que se alimentam nos lugares mais profundos. Desenterrava ovos e ouriços para os pequenos carnívoros e levava sobras de carne para os grandes. E agora, enquanto nadava lenta e pesadamente, de um lado para o outro do recife de coral e através dos canais que conduzem às águas profundas, sua “gente do mar” enxameava ao redor dele, sem nenhum medo, em atitude de expectativa, quase roçando a aguda ponta de seu arpão, que conheciam apenas como uma espécie de longa colher dadivosa. Vinham namorar o vidro da máscara Pirelli e, em alguns casos, como certas mulheres provocantes, tomavam intimidades perigosas, roçando em suas pernas e em seus pés.

Parte da mente do Major Smythe estava fixada nessa “gente” brilhante e colorida, mas outra parte se preocupava com uma tarefa que devia realizar naquele dia. Ele cumprimentava os peixes com palavras que não chegava a proferir — “Bom dia, beleza!” Era a sua mensagem a um peixe azul-escuro, salpicado de malhas que semelhavam lentejoulas, de um azul ainda mais intenso e brilhante. É o “peixe-joia”, que parece um vidro estrelado do perfume Vol de Nuit, de Worth. “Sinto muito, hoje não, meu bem”, dizia em silêncio a um peixe-borboleta, esvoaçante, com falsos “olhos” na cauda. “Você está gordo demais, meninão”, afirmava mentalmente a um peixe-papagaio de côr azul-índigo, que devia pesar uns bons cinco quilos. Seus olhos estavam sempre atentos, à procura de sua “gente”. No recife de coral, seu único inimigo que ele matava à primeira vista, era o peixe-escorpião.

O peixe-escorpião habita principalmente nas águas tépidas do sul e o *rascasse*, que é a base da *bouillabaisse*, pertence à mesma família. A variedade do Caribe alcança apenas cerca de doze polegadas de comprimento e pesa, talvez, meio quilo. É o mais feio peixe do mar, como se a natureza ao engendrará-lo assim tivesse querido nos fazer uma advertência. Sarapintado de marrom-acinzentado, tem uma cabeçorra felpuda, de feitio cuneiforme. Os olhos são de um vermelho agressivo e consegue dissimular perfeitamente a sua silhueta, em meio dos recifes. Embora sendo um peixe pequeno, sua boca amplamente guarnecida de dentes pontiagudos é tão grande que ele pode engolir, sem dificuldade, a maioria dos peixinhos que vivem ao redor dos corais. Mas a sua arma suprema consiste nas eretas barbatanas dorsais, as primeiros das quais agem por contato como agulhas hipodérmicas, alimentadas por glândulas venenosas, que contêm tetrodotoxina suficiente para matar um homem, se o atingirem num lugar vulnerável — por exemplo, numa artéria, sobre o coração ou nas virilhas. Esse é o único perigo real para quem se aventura a nadar nos recifes. Muito mais perigoso do que as barracudas e os tubarões, é extremamente confiante em sua camuflagem e em suas armas, não fugindo de coisa alguma, exceto de uma exagerada aproximação de um pé humano ou mesmo de um contato direto. Nossas ocasiões, o peixe-escorpião nada apenas alguns metros com seu largo peitoral, bizarramente listrado, parando atento, ou pousado na areia, onde por mimetismo parece uma formação coralina, ou entre as rochas e algas, onde virtualmente desaparece. O Major Smythe estava decidido a encontrar um, arpoá-lo e dá-lo a seu polvo, para ver se este o aceitava ou rejeitava. Queria saber se um dos grandes predadores do oceano reconheceria a periculosidade, o poder mortífero do veneno do outro. Consumiria o polvo a parte inferior do peixe-escorpião, sem lhe tocar nas espinhas letais? Devorá-las-ia também e

viria a sofrer um castigo, atingido pelo veneno? Eram essas as perguntas que Bengry, do Instituto, desejava esclarecer. E, agora, sentindo o princípio do fim de sua vida, o solitário de Wavelets pensou que esse poderia ser também o fim do seu querido polvo. E decidiu dar resposta àquelas perguntas, deixando uma pequena lembrança de sua vida fútil e inútil num recanto empoeirado dos arquivos do Instituto.

É que, apenas duas ou três horas antes, o Major Dexter Smythe vira a sua vida transformar-se, passando de mal a pior. Para uma condição tão pior que ele teria muita sorte se, dentro de uma semana — tempo necessário para a troca de telegramas entre o governo da ilha e o Ministério das Colônias, que por sua vez se comunicaria com o Serviço Secreto e, através deste, com a Scotland Yard e a Procuradoria da Justiça, bem como para a transferência do Major Smythe para Londres, sob escolta policial —, na melhor das hipóteses, saísse de um inevitável julgamento condenado à prisão perpétua. E tudo isso por causa de um homem chamado Bond — Comandante James Bond —, que aparecera em Wavelets às 10h 30m da manhã, num táxi que tomara em Kingston. O dia tinha começado normalmente. O Major Smythe acordara de seu sono à base de seconal, engolira dois comprimidos de panadol (o precário estado cardíaco lhe proibira o uso da aspirina), tomara um banho de chuveiro e fora devorar o seu pequeno almoço debaixo de frondosa amendoeira, no jardim, onde passara uma hora, alimentando pássaros famintos com as sobras da refeição. Depois, tomou as doses de anticoagulante prescritas pelo médico e as pílulas contra a alta pressão arterial, matando o tempo com a leitura do Daily Gleaner e fazendo hora para tomar o seu primeiro trago. Antes, esperava até às 11 horas. Mas, por último, fixara esse momento em 10h 30m. Já havia servido dois conhaques com ginger ale — a bebida de quem sabe embebedar-se — quando ouviu o ruído do automóvel que se aproximava. Luana, a governante negra, não tardou a aparecer no jardim para anunciar: — Um cara tá aí para falar com o sinhô, Majó.

— Como se chama?

— Sei não, Majó. Disse não. Só falou que é negócio da casa do gunverno.

O Major Smythe vestia apenas uns velhos shorts de brim daqui e calçava um par de alpercatas. Não podia receber um visitante assim.

— Mande entrar para a sala, Luana, e diga que não demorarei a atendê-lo.

Foi ao seu quarto, vestiu um blusão branco, umas calças e penteou o que ainda lhe restava da antiga cabeleira. Um representante do governo! Que diabo queria com ele? Mal entrou na sala, viu um homem alto, com um

terno de tropical azul, debruçado na janela, olhando para o mar. O Major teve logo a sensação de que ia receber más notícias. E quando o homem se voltou encarando-o atentamente, com os olhos azul-cinza, Smythe teve a certeza de que ele estava, realmente, em missão oficial. E em missão nada amistosa, porque nem ao menos retribuiu o seu cordial sorriso. Um calafrio percorreu a espinha do major. Teriam, então, descoberto tudo?

— Bem, bem, eu sou Smythe. Pelo que sei, o senhor representa o governo da ilha. Como vai Sir Kenneth?

Não houve sequer um aperto de mão. O homem disse:

— Ainda não o vi. Faz só uns três dias que cheguei. Estive procurando ver os pontos pitorescos da ilha. Meu nome é Bond. James Bond. Sou do Ministério da Defesa.

O Major Smythe se lembrava do eufemismo habitualmente usado para designar o Serviço Secreto. E disse, esforçando-se para se mostrar animado e alegre: — Oh... A velha *firma*? Prefere conversar aqui mesmo, ou no jardim? Que tal um drinque? (E o Major pôs um cubo de gelo num copo, que já tinha nas mãos.) Rum e ginger ale é o mais popular veneno local... Eu, porém, prefiro ginger ale, sem mais nada...

A mentira lhe escapou com facilidade, graças ao automatismo dos alcoólatras. — Não me sirva nada. E falemos aqui mesmo — disse o recém-vindo, recostando-se no parapeito da janela, lavrado em mogno.

O Major Smythe sentou-se, passou uma perna sobre o braço da confortável poltrona e tomou um grande trago de seu copo, que depositou depois ao lado.

— Bem — disse, olhando o visitante com firmeza, cara a cara. — Em que poderei lhe ser útil? Alguém está fazendo sujeiras em North Shore e vocês estão precisando de ajuda? Terei prazer em voltar ao antigo trabalho. Já vai longe o tempo em que fui agente secreto, mas ainda me lembro de algumas técnicas...

— Não se incomoda que eu fume?

O visitante, ao fazer a pergunta, já tinha, nas mãos, uma cigarreira de forma achatada que poderia, no entanto, conter cinquenta cigarros. A esse sinal de fraqueza, comum a ambos, o major se sentiu confortado.

— Em absoluto, meu caro. (E fez um movimento, aproximando o seu isqueiro, aceso.) — Obrigado. (James Bond já havia acendido o cigarro.) Mas

não vim aqui para tratar de assuntos locais. O que realmente me trouxe a North Shore foi o desejo de pedir-lhe que se recorde minuciosamente de seu trabalho para o Serviço Secreto, nos últimos dias da II Grande Guerra... (Fez uma pausa, para observar o efeito de suas palavras no Major Smythe) Principalmente quando trabalhou na Divisão de Assuntos Gerais...

O Major Smythe teve um riso breve e escarninho. Ele sabia. Estava absolutamente certo. Mas, quando a revelação saiu dos lábios daquele homem, não pôde conter a gargalhada, reação de alguém que se via golpeado em cheio e procurava dar a impressão contrária.

— Mas, Santo Deus! A velha DAG! Claro que me lembro ainda dela... E de tudo o mais...

Riu de novo. E sentiu aguilhoar-lhe o peito a dor constritiva da angina, provocada pela pressão do que certamente iria acontecer. Enfiou a mão no bolso da calça, despejou o conteúdo de um pequeno frasco no côncavo da outra mão e, depois, colocou sob a língua os pequenos comprimidos brancos de TNT. Observava divertidamente a crescente tensão estampada na fisionomia do visitante, cujos olhos se apertavam para melhor fitá-lo. Não precisava ter medo, não. Não se tratava de pílulas de cianureto ou qualquer outro veneno. O major despistou: — A acidose não o persegue? Não? Pois a azia é o meu tormento. Ontem à noite, fui a uma festa no Jamaica Inn. Preciso me lembrar de que não tenho mais 25 anos... Bem, mas ainda posso voltar para a DAG. Creio que hoje somos bem poucos, os veteranos, não? (Sentiu outra vez a dor no peito.) É alguma coisa a respeito da história oficial da guerra?

James Bond, olhando para a ponta do cigarro, disse que não se tratava exatamente disso.

— Pensava... Porque, não sei se sabe: eu escrevi quase todo o capítulo sobre o Serviço Secreto no *War Book*... Já faz muito tempo. Mas duvido que haja algo de realmente importante a acrescentar...

— Nem mesmo alguma coisa sobre certa operação no Tirol? Num lugar chamado Ober Aurach, a cerca de uma milha de distância de Kitzbuhel?

A menção desses nomes provocou outro pequeno riso do major:

— Mas essa operação foi uma ninharia... Tudo muito fácil. Aqueles sujeitos da Gestapo tinham mais fanatismo do que competência... Uns bêbedos. Conservaram em seus arquivos todas as pistas. E os entregaram sem

nenhum protesto. Esperavam, em troca, a nossa indulgência, talvez... A grande maioria foi enforcada por crimes de guerra, acredito. Levei tudo para o Quartel-General, em Salzburgo. Depois, fui para o vale do Mittersill, à procura de outro esconderijo... O Major Smythe tomou outro trago e acendeu um cigarro. Depois, olhando para cima: — Acho que não há mais nada a acrescentar a essas linhas gerais...

— O senhor, se não me engano, foi nessa época o número 2... O *commanding officer* era um americano, não? O Coronel King, do Exército do General Patton...

— É verdade, ele foi meu chefe. Excelente sujeito. Usava um bigodinho, coisa que não é muito de americano. Tinha competência indiscutível para escolher vinhos. Um tipo muito civilizado...

— No seu relatório sobre aquela operação, ele afirma que lhe entregou todos os documentos necessários às buscas e investigações preliminares, por ser o senhor o perito em assuntos germânicos do grupo... O senhor devolveu esses papéis a ele com algumas notas ou observações? (James Bond fez uma pausa.) Todos, sem falta de um só?

O Major Smythe ignorou a insinuação:

— É verdade. O que ele me deu foi, principalmente, uma lista de nomes. Indicações recebidas da contra-espionagem. Os agentes da CE em Salzburgo ficaram muito satisfeitos com essas pistas. E puderam aprofundar as buscas em várias direções. Acredito que os originais devem estar arquivados em algum lugar, uma vez que foram usados nos julgamentos de Nuremberg. Isso mesmo! (O Major Smythe parecia forçar a memória.) Posso dizer que os mais alegres anos de minha vida foram os do período em que trabalhei para a DAG. Vinho, mulheres, música! Ah, se eu pudesse viver esse bom tempo outra vez!

Nessa ocasião, o Major Smythe dizia a pura verdade. Ele sustentara uma perigosa e desconfortável luta até 1945. Quando os famosos Comandos ingleses foram formados em 1941, ele se apresentara como voluntário, sendo transferido dos Fuzileiros Reais para o Quartel-General das Operações Combinadas, sob a direção de Lorde Mountbatten. Seu domínio da língua alemã (que lhe vinha da mãe, nascida em Heidelberg) qualificara-o para o invejável lugar de coletor de informações nas operações de Comandos através do canal da Mancha. Tivera a sorte de permanecer durante dois anos nesse trabalho sem um arranhão e de receber a Ordem do Império Britânico, tão

ciosa e avaramente distribuída durante a última guerra. E, depois, quando se preparava o golpe final contra a Alemanha, a Divisão de Assuntos Gerais fora formada, em conjunto, pelo Serviço Secreto e os Comandos. O Major Smythe, comissionado, então, como tenente-coronel, recebeu a incumbência de formar a unidade que devia descobrir e limpar os esconderijos dos gráudos da Gestapo e da Abwehr no momento em que se desse o colapso do nazismo. O Serviço Secreto, ao aprovar o plano, insistiu em que fosse acompanhado o avanço americano não por uma única, mas por seis dessas unidades, que operariam na Alemanha e na Áustria no momento da rendição. Eram unidades de vinte homens, cada uma com um carro blindado ligeiro, seis jipes, três camionetas e um caminhão com instalações de radiotelefonia. Controladas por um comando misto, anglo-americano, teriam elas à sua disposição o pessoal do Serviço de Inteligência do Exército, do SIS e do OSS. O Major Smythe fora o número 2 da Força A, destinada a atuar no Tirol, área cheia de bons esconderijos, com fácil acesso à fronteira de outros países. Por isso mesmo, era considerada o valhacouto n.º 1 pelo pessoal da DAG. E, como confessara o Major Smythe a James Bond, a operação fora praticamente uma festa, não tendo sido preciso disparar um só tiro. Exceto, é claro, dois que foram disparados pelo próprio Major Smythe. James Bond perguntou-lhe com ar mais casual do mundo: — O nome de Hannes Oberhauser lhe evoca alguma lembrança?

O Major Smythe franziu o sobrecenho, como que num esforço para se lembrar:

— Não, creio que não... (Fazia 32 graus à sombra, mas ele tremia de frio.) — Permita que eu lhe refresque a memória... No mesmo dia em que os documentos lhe foram entregues para exame, o senhor fez perguntas no Tiefenbrunner Hotel, onde se hospedou, sobre quem era o melhor guia alpino de Kitzbuhel. Foi-lhe indicado o guia Oberhauser. No dia seguinte, o senhor pediu ao seu comandante um dia livre, que lhe foi concedido. Na manhã desse dia, o senhor se dirigiu ao chalé de Oberhauser, prendeu-o com a cláusula de incomunicabilidade, e o levou no seu jipe. Não está se lembrando dessas particularidades?

Como era familiar aquela frase sobre o refrescamento da memória! Quantas vezes o próprio Major Smythe não a usara, como armadilha, para nela colher um mentiroso nazista?... Mas não devia, agora, se afobar. Há anos que estava preparado para alguma coisa nesse estilo. E, por isso, respondeu: — Não... Eu absolutamente não me lembro.

— Oberhauser era um homem de cabelo grisalho e claudicava de uma perna. Falava algum inglês, pois antes da guerra costumava trabalhar como instrutor de esqui, tendo como aprendizes ingleses e americanos...

O Major Smythe olhou impavidamente para o visitante, fixando-lhe os olhos frios e claros:

— Sinto muito... Mas não posso ajudá-lo. Não me recordo.

James Bond tirou do bolso o pequeno caderno de notas, folheando-o ligeiramente. Deteve-se numa das páginas e disse:

— Vou ajudar um pouco mais a sua memória. Nesse tempo, como arma de uso pessoal, o senhor tinha um revólver regulamentar Webley & Scott, calibre 45, com o número da série 8967/362...

— Sim, era Webley... Um trabucão enorme, difícil de carregar. Espero que tenham adotado algo melhor. Assim como um Luger ou uma Beretta pesada. Mas eu nunca me dei ao trabalho de anotar o número...

— O número é esse mesmo — disse James Bond. — Verifiquei a data em que o recebeu do QG e a data em que o devolveu. O senhor assinou o livro de carga, ambas as vezes...

— Então, deve ter sido essa mesma a minha arma — concordou o Major Smythe, dando de ombros. — Mas... (E agora havia impaciência em sua voz) ... Mas, se me permite a pergunta, em que é que isso pode interessar?

James Bond o olhou com certa curiosidade. Depois falou e não se poderia dizer que o seu tom fosse cruel:

— Bem sabe que isso é fundamental, Smythe. (Fez uma pausa e pareceu refletir.) Façamos um acordo. Eu irei ao jardim, por uns dez minutos, pouco mais ou menos. Dou-lhe tempo para se lembrar de tudo com exatidão. Quando se tiver lembrado, me chame... (E acrescentou, a sério:) — Tornará as coisas bem mais fáceis para você a reconstituição do caso em suas próprias palavras... (Caminhou para a porta do jardim, mas se voltou.) — Creio que se trata apenas de pingar os ii e cortar os tt... Quero que saiba que, antes de vir aqui esta manhã, tive uma boa conversa com os irmãos Fu, em Kingston...

O Major Smythe sentiu-se de certa forma desoprimido. Acabara a batalha das insinuações e das evasivas, a tentativa de despistar e de inventar álibis. Era o fim das negaças. Se o tal James Bond conversara com os irmãos Fu, sem dúvida arrancara alguma coisa dos chineses. De modo algum quereriam

eles qualquer complicação com as autoridades. E, além do mais, ainda tinham uma parte da muamba em seu poder. O Major se levantou, serviu outro conhaque com ginger ale, quase meio a meio. O melhor era tomar uns bons tragos, enquanto ainda podia! O futuro não lhe ofereceria muitas oportunidades como essa. Voltou para a poltrona, acendeu o vigésimo cigarro do dia e olhou para o relógio. Eram 11h30m. Se pudesse livrar-se daquele importuno dentro de uma hora, ainda poderia ir ver a sua “gente”. Sentou-se e bebeu, mergulhado em seus pensamentos. Poderia prolongar ou abreviar a sua história, se adicionasse alguma coisa sobre o estado do tempo, o perfume das flores dos pinheiros que aspirara nas montanhas... Mas poderia omitir a paisagem e abreviá-la. Preferiu abreviar. Viu-se na cama dupla, no Tiefenbrunner Hotel, com montanhas de papelório para examinar. Não procurava nada de especial. Apenas apanhava, a esmo, um documento aqui, outro ali, concentrando-se principalmente nos que tinham o timbre, em vermelho, de KOMMANDOSACHE, HOECHST VERTRAULICH. Não existiam muitos destes, que eram quase sempre informações confidenciais sobre nazistas graúdos, sobre códigos aliados que os alemães tinham decifrado e sobre esconderijos secretos. Desde que estes eram um dos principais objetivos da Força A, o Major Smythe os havia examinado com particular excitação — eram esconderijos de alimentos, de explosivos, de armas, de fichários de espionagem e do pessoal da Gestapo, uma imensa rede de arrasto com toda a espécie de peixes! E, ainda, no fim de toda a papelada, um simples envelope lacrado, com o aviso: PARA SER ABERTO APENAS EM CASO DE EMERGÊNCIA. O envelope continha uma só folha de papel. Não havia assinatura sob as palavras escritas em letra vermelha.

No cabeçalho, havia a palavra VALUTA.

Embaixo, lia-se: WILDE KAISER. FRANZISKANER HALT. 100 M. OESTLICH STEINHUGEL. WAFFENKISTE. ZWEI BAR 24 KT. e uma lista de medidas em centímetros. O Major Smythe afastou as mãos, como se numa história de pescaria, estivesse mostrando as dimensões de um peixe. Duas barras de ouro de 24 quilates, cada uma, quase tão grande como dois tijolos! E pensar que um simples soberano inglês, de apenas dezoito quilates, valia naquele momento entre duas e três libras! As duas barras de ouro representam uma verdadeira fortuna! Quarenta, cinquenta mil libras, era quanto valeriam! Não tinha ainda ideia alguma a respeito, mas — era o melhor — riscou um fósforo e acendeu o papel e o envelope, reduzindo-os a cinzas, que colocou na pia e fez desaparecer sob um jorro d’água. Apanhou, depois, o mapa da área, em grande escala, preparado pela artilharia austríaca e, um momento depois, tinha sob o dedo o Franziskaner Halt. Nele estava

indicado um abrigo alpino desabitado, refúgio de montanhistas, numa espécie de pequeno platô logo abaixo do mais alto pico das montanhas do Kaiser, essa imensa massa de pedras dentadas que fecha, ao norte, o horizonte de Kitzbuhel. E ali, onde o seu dedo repousava, devia existir o marco de pequenas pedras amontoadas. Significava isso que uma fortuna estava ao seu alcance, a apenas dez milhas de distância e, talvez, a apenas cinco horas de subida!

O princípio tinha sido tal como James Bond descrevera. Fora ao chalé de Oberhauser às 4 horas da madrugada. Prendera-o e dissera a seus familiares, todos em lágrimas, que o ia levar para o centro de interrogatórios, em Munique. Se o guia estivesse isento de culpa, estaria de volta dentro de uma semana. Se a família fizesse algum protesto isso só poderia prejudicar Oberhauser, tornando as coisas ainda mais difíceis. Smythe se recusara a declinar o seu nome e tivera a precaução de ocultar o número do jipe. Dentro de 24 horas, a Força A deixaria o lugar e o governo militar se instalaria em Kitzbuhel. E então o incidente seria sepultado no esquecimento pelo tumulto e pelas complicações decorrentes da própria ocupação militar.

Oberhauser revelou-se um excelente sujeito, disposto a cooperar, assim que perdeu o medo inicial. E quando Smythe começou a lhe falar de alpinismo e de esqui se tornou uma camaradão. O caminho passava ao sopé das montanhas, rumo a Kufstein. Smythe dirigia lentamente, fazendo comentários admirativos sobre os picos em que já se refletiam as primeiras luzes matinais. Finalmente, junto à base do Pico do Ouro, voltou-se para Oberhauser e lhe disse: — Oberhauser, você é uma pessoa com quem simpatizo. Temos muitos interesses em comum e, pela sua conversa, estou convencido de que não cooperou com os nazistas. Eu lhe explico o que pretendo fazer por você. Passaremos o dia escalando as montanhas do Kaiser e, depois, eu o levo de volta para Kitzbuhel. Direi, então, ao meu chefe que, interrogado em Munique, você foi imediatamente liberado... Que me diz a isso? — Rematou, com um sorriso.

O homem quase derramou lágrimas de gratidão. Mas era preciso que ele tivesse, em seu poder, um papel mostrando que estava isento de culpa? Certamente. A assinatura do Major Smythe seria mais que suficiente. Feito o pacto, o jipe foi dirigido através de um atalho e ficou escondido, longe da estrada, entre os pinheiros. Smythe estava preparado para a excursão, sem nada sob a jaqueta, vestindo um short e calçando botas de paraquedistas, fornecidas à unidade pelos americanos. A carga que levava era apenas o revólver Webley & Scott, absolutamente necessário, pois afinal de contas

Oberhauser era um inimigo. O guia vestia a sua melhor roupa e calçava as suas botas alpinas. Não estava preocupado com a subida. E assegurou ao Major Smythe que não seria necessário usar nem cordas, nem ganchos, até chegarem à cabana, em que poderiam parar para descansar. Era aí o Franziskaner Halt.

— É esse o nome? — Perguntou o Major.

— Sim. E um pouco abaixo há uma pequena geleira. Passaremos ao largo, pois nela há muitas fendas.

— Assim faremos... — Disse o Major Smythe, pensativamente, examinando a parte posterior da cabeça de Oberhauser, por onde o suor escorria. Ora, afinal, ele era apenas um reles comedor de chucrute, talvez da mesma laia que os nazistas. Seria tão fácil liquidá-lo... A única coisa que preocupava o major era trazer a muamba pela montanha abaixo. Poderia colocar as barras de ouro às costas. Ou arrastá-las — por que não? — Durante grande parte do percurso, na sua caixa de munição. Longa e tortuosa foi a caminhada, montanha acima. Quando deixaram para trás os pinheiros, já o sol se alteava, dardejante. A princípio, caminharam entre rochas e entulhos, em constantes zigue-zagues. Sem o auxílio de um guia, nunca conseguiria o major chegar ao cimo do penhasco cinzento e ameaçador, que parecia tocar o azul do céu. Ambos caminhavam agora nus da cintura para cima, banhados em suor, que lhes escorria pelas pernas para dentro das botas. Embora o guia claudicasse, subiam com relativa rapidez. Quando pararam, para um drinque e um breve descanso, Oberhauser se congratulou com Smythe por estar em tão boa forma. O major, com a cabeça escaldando, tantos eram os seus planos, disse ríspida e mentirosamente que todos os ingleses eram cobras, em matéria de escalar montanhas. Subir ao penhasco não era difícil. Se lá havia uma cabana, é porque o material para a sua construção fora levado para ali nos ombros de alguém. Em certos lugares, pontos de apoio tinham sido cavados na rocha. E havia, ocasionalmente, grampos de ferro, em que os alpinistas podiam se agarrar. Mas achar as passagens exatas era o mesmo que descobrir os segredos de um labirinto. Ainda bem que trouxera o guia. Este, em certo momento, sondando o chão, para verificar se estava firme, fizera correr pequenina avalanche de pedras afrouxadas por muitos anos de ventanias e nevascas. Elas se precipitaram, com estrondo, lá embaixo. O Major Smythe pensou logo no barulho, que poderia despertar atenção. Perguntou se não haveria gente nas proximidades.

— Qual! Ninguém... A não ser nas proximidades de Kufstein... — Disse Oberhauser, apontando uma larga extensão, ao redor. — Aqui há pouca água e

nenhum pasto. E, desde o princípio da guerra... (Interrompeu-se, deixando a frase incompleta.) Ladearam a geleira e continuaram a subida. A vista do Major Smythe media a extensão e a largura das fendas, por onde iriam passar. A uns cem pés acima, viram, então, a cabana, batida pelas intempéries. O major mediu o ângulo do declive. Era quase uma linha reta. Agora? Ou depois? Preferiu que fosse depois. O caminho para a última parte da travessia ainda não estava claramente definido. Alcançaram a cabana ao fim de cinco horas. O Major Smythe disse que queria aliviar um pouco a bexiga e caminhou para o leste, sem dar atenção alguma aos belos panoramas da Áustria e da Baviera, que se estendiam por cinquenta milhas, sob o sol estival. Ele contava os passos com extremo cuidado. Exatamente a 120 havia o montículo de pedras, talvez um marco carinhosamente erguido em memória de um alpinista desaparecido. Era isso o que qualquer pessoa normalmente pensaria. Mas o Major Smythe, sabendo que não se tratava disso, ardia de desejos de desfazer a pequena pirâmide de pedras soltas. Mas, em vez de fazê-lo, tirou do coldre o seu Webley & Scott, soltou a trava e examinou o cilindro. E voltou, então, rumo à cabana, onde Oberhauser entrara. Fazia frio, a tal altura — uns bons 3 mil metros —, e o guia acendia o fogo. Smythe controlou o seu horror e pediu: — Oberhauser, venha me mostrar as paisagens. Há vistas maravilhosas, aqui em cima!

— Com prazer, major — disse o guia, seguindo Smythe para fora da cabana. Uma vez lá fora, tirou do bolso um papel, no qual havia alguma coisa embrulhada. Ofereceu-a ao major, acrescentando: — Isto é o que chamamos Soldat. É uma salsicha defumada. Dura, mas muito saborosa. (Sorriu.) Parece com aquilo que os americanos comem nos filmes de Far-West. Como é mesmo o nome?

— Charque — disse o major. Depois — e mais tarde se arrependeu de o ter privado da pequena refeição — aconselhou: — Deixe isso na cabana. Depois, viremos comer. Será que daqui podemos ver Innsbruck? Mostre-me para que lado é...

Oberhauser entrou na cabana e logo saiu de novo. O major caminhou por trás dele, que falava e gesticulava, mostrando aqui o pico de uma montanha, além a torre de uma igreja distante. Chegaram ao lugar acima da geleira. O major tirou então o revólver e, a uma distância de pouco mais de meio metro, disparou dois tiros na base do crânio de Hannes Oberhauser. Que nem estrebuchou. Caiu já morto. O impacto das balas atirou o guia na borda do precipício. O Major Smythe o empurrou para baixo. O corpo bateu em duas anfractuosidades do penhasco e caiu em cima da geleira. Mas sem escorregar

para as fendas. Ficou a meio do caminho, junto a um monte de neve antiga, acumulada.

— Com os diabos! — Disse o major.

Os estampidos repercutiram naquelas alturas como se fossem tiros de morteiros e o eco os repetiu a distância. O Major Smythe lançou um olhar sobre a figura imóvel, estendida junto ao monte de neve, e logo correu para o montículo de pedra. Devia cuidar das coisas mais importantes em primeiro lugar! Começou a afastar as pedras, com uma pressa diabólica, atirando as mais roliças pela montanha abaixo. Feriu-se em arestas cortantes e, quando deu pela coisa, sua mão estava sangrando, mas não ligou importância. Um pouco de sangue, que é que tinha? Precisava era andar depressa, depressa — e continuou a escavar, furiosamente. O monte de pedra desaparecia. E então! Sim! Lá estava alguma coisa que parecia ser uma tampa metálica. Mais algumas pedras foram retiradas e apareceu uma velha caixa de munições da Wehrmacht. Em cima dela, ainda havia traços de seu antigo letreiro. O Major Smythe soltou um grunhido de alegria. Sentou-se sobre uma pedra e sua imaginação entrou em órbita, descrevendo círculos sobre carros Rolls Royce, iate em Monte Carlo, apartamentos de cobertura, joias de Cartier, champanha, caviar e, no meio de tudo, uma vez que amava o golfe, uma nova coleção de bastões metálicos de Henry Cotton.

Embragado com esses sonhos, o Major Smythe ficou ali sentado um bom quarto de hora fitando a caixa metálica, como que fascinado. Depois, olhou para o relógio e levantou-se. Não devia perder tempo. Tinha que eliminar as pistas. A caixa tinha alças de ambos os lados. O major esperara que fosse pesada. Mentalmente, ele a havia comparado à coisa mais pesada que até então carregara — um salmão de vinte quilos que pescara na Escócia, pouco antes da guerra —, mas a caixa tinha mais do dobro desse peso. E ele só com muita dificuldade a retirara do seu leito entre as pedras para colocá-la sobre a rala relva alpina. Amarrou, então, o seu lenço numa das alças e, pondo-a desajeitadamente no ombro, levou-a para a cabana. Sentou-se, então, na soleira da porta e, sem despregar inteiramente os olhos da caixa, cortou a salsicha defumada de Oberhauser com seus dentes vigorosos e começou a comê-la, pensando como havia de transportar as suas 50 mil libras — era esse o seu cálculo — pela montanha abaixo. A salsicha era, realmente, uma ótima refeição montanhesa, dura, gorda, rescendendo a tempero forte à base de alho. Partículas dela ficaram incômodamente presas aos seus dentes. Limpou-os com um palito de prata. Sua preocupação era fazer desaparecer todos os vestígios de sua presença. De agora em diante, era um criminoso. Tão

criminoso como alguém que tivesse roubado um banco e assassinado o vigia. Precisava lembrar-se disso! Se não se lembrasse, teria a morte, em vez das coisas maravilhosas com que sonhava. Precisava ter infinita cautela. E teria! Seria, para sempre, rico e feliz. Depois de tomar precauções ridiculamente minuciosa para não deixar na cabana o menor traço de sua passagem, arrastou a caixa metálica para a borda do precipício, distante da geleira, e de lá atirou-a embaixo, rezando para que chegasse intacta. A caixa cinzenta rolou no espaço, bateu numa ponta de pedra, continuou a descer, chocou-se cem metros abaixo com outra anfractuosidade e, por fim, atingiu o chão de um entulho, onde parou. O Major Smythe não podia vê-la, de onde estava, e não podia saber se estava aberta. Tanto fazia que estivesse ou não! A própria montanha poderia tê-lo poupado ao trabalho de abri-la...

Depois de um último olhar em torno, ele começou a descer, experimentando com prudência a solidez de cada grampo e de cada ponto de apoio, antes de firmar-se com todo o peso de seu corpo. Na descida, sua vida tinha um valor muito maior que na subida. Caminhou para a geleira e atravessou a passagem em que a neve começava a derreter-se formando sobre o gelo uma mancha escura. Dentro de mais alguns dias, toda a neve estaria derretida. Chegou até onde estava o cadáver. Tinha visto muitos, durante a guerra. Ossos fraturados e carnes sangrentas nada significavam para ele. Arrastou os restos de Oberhauser para a fenda mais próxima e, depois, atirou em cima a neve, acumulada nas bordas. Enterrado o corpo, mostrou-se satisfeito com o seu trabalho, tendo, ao voltar, o cuidado de recolocar os pés sobre as mesmas pegadas que fizera na vinda. E então empreendeu à descida, ao encontro da caixa metálica. Sim, como esperava, a montanha a havia aberto para ele! Com um gesto despreocupado, desfez os invólucros, em papel empregado na fabricação de cartuchos. As duas grandes barras de metal cintilaram ao sol. Tinham ambas as mesmas marcas: a cruz suástica num círculo, sob uma águia, e a data de 1943, símbolos usados pelo Reichsbank. O Major Smythe fez um movimento de aprovação com a cabeça. Recompôs os invólucros e, como a lingueta da tampa, que saltara, não fechasse mais a tampa, teve de bater-lhe com uma pedra, até voltar ao lugar. Passou, então, numa das alças o cinturão em que costumava conduzir o revólver, e continuou a descida, arrastando-a atrás de si. Era então 1 hora da tarde e o sol lhe queimava o busto nu, fritando-o em seu próprio suor. Seus ombros, avermelhados, estavam em fogo. A soalheira também queimava o seu rosto. Com os diabos! Parou junto a uma cascata que descia dos gelos da montanha, embebeu o lenço em água fria e o colocou na cabeça. Bebeu, depois, largamente e prosseguiu, praguejando, às vezes com fúria, quando em alguns

declives mais fortes a caixa de metal o atropelava, machucando-lhe os calcanhares. Mas esses desconfortos, as queimaduras e os arranhões, não eram nada comparados com o que ele ainda teria que enfrentar no vale, onde o terreno era nivelado. Até então, tivera a lei da gravidade a seu lado. Mas na última milha é que seria um problema carregar aquela infernal muamba! O Major Smythe sentia as costas e o pescoço em fogo. Disse, porém, a si mesmo, para encorajar-se: — Bolas! *Il faut souffrir pour être millionnaire!*

Quando chegou embaixo, sentou-se no musgo, sob os abetos. Estendeu no chão a camisa, colocou no centro dela as barras de ouro e fez uma trouxa, amarrando bem as fraldas e as mangas. Depois, cavou um buraco no chão e enterrou a caixa metálica vazia. E vergando ao peso, quase dobrado em dois, caminhou pela estreita trilha, entre os pinheiros, rumo ao jipe. Até aquele dia não conseguira saber como tivera forças para alcançar o veículo. Os nós que dera na trouxa pareciam penetrar nas carnes de seu ombro, sob o peso das barras de ouro. Quando, finalmente, alcançou o jipe, quase teve um colapso, tão exausto estava. Mas não podia descansar, ainda. Precisava sair dali para enterrar o seu tesouro na floresta, perto de um grupo de grandes rochas, onde lhe seria fácil encontrá-lo de novo, na ocasião oportuna em dia, quando o horizonte estivesse limpo, voltaria, por outra rota, evitando o chalé de Oberhauser. Só então, terminado tudo, fora embebedar-se com uma garrafa de schnapps barato. Jantou e meteu-se na cama, para dormir como uma pedra. No dia seguinte, a Força A da DAG seguiu para o vale do Mittersill. Seis meses depois o Major Smythe estava em Londres. A sua guerra havia terminado. Mas os seus problemas, não. Ouro era coisa difícil de contrabandear, principalmente em grande quantidade. E era essencial que o Major Smythe transferisse as suas barras para um novo esconderijo. Por isso, ele procurou evitar a desmobilização e gozar os privilégios de seu comissionamento temporário, sobretudo o seu passe do Serviço Secreto Militar. Conseguiu ser mandado de volta para a Alemanha, como representante da Inglaterra no Centro Misto de Investigação de Munique. Aí, trabalhou durante seis meses e, nesse período, teve a oportunidade de recuperar o ouro, que levou para o seu alojamento numa velha valise. Depois, em dois fins de semana, fez viagens aéreas para Londres, levando, de cada vez, uma barra de ouro, em sua volumosa pasta. A caminhada nos aeroportos de Munique e de Londres, com a pasta sob o braço, como se contivesse apenas papéis, exigira dois tabletes de benzedrina e uma vontade de ferro. Finalmente, pôde esconder sua fortuna no porão da casa de uma tia, em Kensington, e assim, com tranquilidade, pôde desenvolver a parte final de seus planos. Pediu reforma nos Fuzileiros Reais e, uma vez desmobilizado,

casou-se com uma das muitas moças com quem tivera aventuras durante o serviço da DAG, uma graciosa Wren chamada Maria Parnell. Comprou passagem para ambos num cargueiro para a Jamaica, que representava, para ambos, um paraíso ensolarado, com boa e farta comida, bebida barata, sem a melancolia e as restrições impostas na Inglaterra, após a guerra, pelo severo governo trabalhista. Antes do embarque, o Major Smythe mostrou a Mary as barras de ouro, das quais já havia raspado a cinzel os símbolos do Reichsbank.

— Tenho sido muito econômico e esperto, meu bem — disse ele. — Não confio na libra. Por isso, vendi todas as minhas ações e comprei um bocado de ouro. Teremos pelo menos 20 mil libras, se eu o vender bem. Isso basta para nos assegurar uma boa vida, até o fim dos nossos dias. Sempre que for preciso, eu venderei um pouquinho — explicou.

Mary Parnell não era familiarizada com as leis monetárias. Mas se ajoelhou e passou as mãos, carinhosamente, sobre as barras de ouro. Depois, com os braços ao redor do pescoço do marido, beijou-o e disse, quase em lágrimas: — Você é um homem maravilhoso... Sim, maravilhoso! Terrivelmente inteligente, bonito, simpático, herói da guerra e, além do mais, rico! Eu sou a garota mais feliz do mundo!

— Você tem razão pelo menos numa coisa: ricos, nós somos. Mas prometa não dizer uma só palavra a quem quer que seja! Pois, se disser, todos os ladrões da Jamaica irão rondar a nossa casa.. .

O Prince's Club, ao pé das colinas que dominam os arredores de Kensington, era realmente esplêndido. Para os seus sócios, não havia nada melhor: maravilhosa criadagem, comida farta, bebida barata, belíssimos cenários tropicais, como nunca tinham visto antes. O casal era muito popular e os serviços de guerra do Major Smythe lhe davam ingresso na alta sociedade local e na Government House. A vida de ambos era uma série interminável de festas, misturadas com o tênis de Mary e o golfe do major (com os bastões metálicos de Henry Cotton!) durante o dia, e partidas de bridge (para ela) e de pôquer (para ele) durante as noites. Sim, era um paraíso, porque, na Inglaterra, havia racionamento, filas e mercado negro, um governo atroz e o pior inverno dos últimos trinta anos. A princípio, o casal enfrentou as despesas com as economias em dinheiro, que ambos haviam reunido, enquanto se vestiam, se alimentavam e se transportavam à custa do Exército. Só depois de um ano de cautelosas investigações é que o Major Smythe se decidiu a fazer negócio com os irmãos Fu, comerciantes importadores e exportadores. Altamente respeitados e muito ricos, os irmãos Fu eram

conhecidos como uma espécie de junta governativa da comunidade chinesa da Jamaica. Ainda que alguns dos seus negócios se desviassem das boas normas, segundo a tradição chinesa, Smythe achou que poderia confiar neles. A Convenção de Bretton Woods, fixando um preço internacional para o ouro, sob rigoroso controle, tinha sido assinada deixando de parte Tânger e Macau, dois portos livres, em que a onça de ouro valia entre 99 e 100 dólares, quando nos outros lugares o preço oficial era de 35. E, para maior conveniência de seus negócios, os Fu tinham aberto um restaurante em Hong-Kong, transformado em entreposto para o contrabando de ouro para a vizinha Macau. Isso, na linguagem do Major Smythe, era sopa no mel. Ele tivera um agradável encontro com os Fu. Nenhuma pergunta estes fizeram, senão depois do exame das barras de ouro.

— Major — disse o mais velho dos irmãos —, no mercado de ouro em barras, as marcas dos bancos nacionais e dos negociantes respeitáveis são aceitos sem discussão. Essas marcas são a garantia da pureza do ouro. Mas outros bancos e outros vendedores têm seus próprios processos de refinação, que talvez, não sejam tão perfeitos...

— Quer dizer que eu fui enganado? — Perguntou, ansiosamente, o major.
— Que isso não é senão uma barra de chumbo coberta de uma leve camada de ouro?

Os dois irmãos deram muxoxos tranquilizadores:

— Não, não, major... Não se trata disso. Mas, se uma pessoa não se recorda da proveniência dessas barras de ouro, por mais finas que elas sejam é sempre necessário submetê-las a um ensaio, para verificação do seu exato teor... Há muitos métodos para determinar o grau de pureza dessas barras. Meu irmão e eu somos competentes em qualquer deles. Quer deixar as barras de ouro conosco e vir saber o resultado depois do almoço? Nós lhe daremos um recibo...

Não havia alternativa. Teria que confiar nos Fu. Qualquer que fosse o preço por eles arbitrado, seria forçado a aceitar. Estava nas mãos deles. Foi a um bar, onde tomou dois drinques fortes e comeu um sanduíche que lhe ficou atravessado na garganta. Depois, voltou ao escritório refrigerado dos Fu. O cenário era o mesmo: os dois irmãos sorridentes, as duas barras de ouro, a pasta de couro, *etc.* Só havia a mais uma folha de papel e uma caneta-tinteiro de pena de ouro, em frente do irmão mais velho.

— Resolvemos o problema do seu ouro, major! — (Esplêndido! Obrigado, pensou Smythe.) — E estou certo de que o senhor terá interesse em

conhecer sua origem...

— Claro! Qual é? — Fez o major, com uma corajosa demonstração de entusiasmo.

— São barras de ouro alemãs! Provavelmente saíram dos depósitos do Reichsbank, durante a guerra. Isso pode ser deduzido do fato de que contêm dez por cento de chumbo. Durante o regime de Hitler, o Reichsbank fez a tolice de adulterar por esse modo o seu ouro. Isso logo se espalhou e o preço das barras de ouro alemãs, vendidas na Suíça, sofreu logo uma redução de preço, correspondente à adulteração. Foi uma bobagem, que só teve um resultado: o banco nacional da Alemanha perdeu a reputação que conquistara durante séculos... Bobagem... Uma grandíssima bobagem... — Concluiu o chinês, com o seu invariável sorriso.

O Major Smythe estava maravilhado com a onisciência desses dois homens, tão afastados dos grandes canais de comércio do mundo. Mas ao mesmo tempo os amaldiçoava, intimamente. E agora?

— É muito interessante, Sr. Fu... Mas isso não é uma boa notícia para mim. Essas barras de ouro me foram entregues como coisa cem por cento...

— Não tem importância, major — disse o mais velho dos Fu. — Ou melhor, quase não tem importância. Venderemos o seu ouro pelo justo valor, ou seja, 89 dólares a onça. Terá que ser, ou não, refinado pelo último comprador. Mas isso não é da nossa conta. Nós o venderemos também como cem por cento...

— Mas a um preço mais baixo...

— Realmente, major. Mas creio que temos uma boa notícia para o senhor. Quanto calculava obter com essas duas barras?

— Cerca de 20 mil libras...

— Se as vendermos bem e aos pouquinhos — disse o mais velho dos Fu —, o senhor receberá mais de 100 mil dólares, major, sujeitos, é claro, ao desconto da nossa comissão, que inclui o transporte e outras despesas.

— E a quanto montará isso?

— Estou pensando em fixar em 10 por cento, major. Se lhe parecer satisfatório...

O Major Smythe tinha a impressão de que vendedores de ouro em barras

recebiam apenas um por cento de comissão. Mas, que diabo, antes do almoço já estava disposto a largar tudo até por 10 mil libras. Disse “fechado” e levantou-se, estendendo a mão através da mesa. Desde então, de quatro em quatro meses, ia visitar o escritório dos Fu, levando uma valise vazia. Havia sempre quinhentas libras novas, da emissão da Jamaica, em pacotes, sobre a mesa, à sua espera, e um recibo da quantidade vendida, com o preço alcançado em Macau. As barras de ouro diminuía de tamanho, de polegada em polegada. O negócio era simples e cordial. Duas mil libras limpas, por ano, eram o bastante para ele, e só o afligia a possibilidade de que o pessoal do imposto de renda comesse a apertá-lo, para saber do que estava vivendo. Ele disse isso aos Fu, que lhe fizeram saber que não precisava se preocupar. Nas duas vezes seguintes, havia apenas quatrocentas libras na mesa, mas nenhum comentário foi feito, por qualquer dos lados. E assim os dias iam se passando, preguiçosamente. Os Smythes engordavam e o major teve a primeira das duas complicações das coronárias. O médico lhe recomendou uma vida menos ativa, com menos álcool e menos cigarros. Evitasse, também, as gorduras e as comidas fritas. A princípio, Mary tentou ser severa com ele, mas quando o marido começou a beber escondido e a inventar pequenas mentiras e evasivas, ela recuou desse propósito. Teve medo de se transformar numa chata doméstica, a quem o Major Smythe passaria a evitar. Por isso, deu-lhe inteira liberdade, sabendo que ele não mais a amava, e quando a sua solidão se tornou demasiada e as insônias intoleráveis, viciou-se em tomar soníferos. Uma noite, depois de uma violenta briga, estando ambos embriagados, tomou ela uma dose excessiva, só “para dar-lhe uma lição”. A dose era tão exagerada que a matou. O suicídio foi dissimulado, mas ainda assim recaíram suspeitas sobre o major, em prejuízo de sua reputação social. E a tal ponto que ele teve de se retirar para North Shore que, embora a apenas três milhas de Kensington, parece pertencer a um outro mundo. Aí ele se instalou em Wavelets e, depois da segunda complicação das coronárias, começou a beber desenfreadamente. Foi então que entrou em cena James Bond com um mandado de prisão ou de morte no bolso.

O Major Smythe olhou para o relógio. Passavam alguns minutos do meio-dia. Ele se levantou, serviu outro conhaque com ginger ale e foi para o jardim. James Bond estava sentado sob a frondosa amendoeira, olhando para o lar. Nem se voltou para o Major Smythe quando este puxou outra cadeira de alumínio e colocou o copo na relva, perto dele. Quando o Major Smythe acabou de narrar a sua história, James Bond disse, sem demonstrar qualquer emoção: — Era mais ou menos isso o que eu havia pensado...

— Quer que eu escreva tudo ou apenas assine?

— Faça como quiser. Mas isso não se entende comigo. Deve entregar à Corte Marcial. Seu velho Corpo de Fuzileiros Reais é que vai tomar conta do caso. Não tenho nada que ver com os aspectos legais. Farei apenas um relatório do que me disse, para a Procuradoria da Justiça, através da Scotland Yard...

— Posso perguntar uma coisa? Como foi que descobriu?

— A geleira era pequena. O corpo de Oberhauser chegou embaixo no início deste ano, quando as neves da primavera derreteram. Alguns alpinistas o encontraram. Todos os seus papéis e tudo o mais estava perfeito. A família o identificou. Depois, foi só uma questão de recuar no tempo. O calibre das balas deu logo a pista...

— Mas como se envolveu neste assunto?

— A Força da DAG era uma das minhas responsabilidades, um dos meus serviços. Quando o assunto chegou ao meu conhecimento, fui dar uma busca nos arquivos. Como tinha tempo livre, pedi que me entregassem a missão de descobrir o autor da morte de Oberhauser...

— Por quê?

— Porque — e James Bond fixou os olhos do Major Smythe — acontece que Oberhauser era um velho amigo meu. Foi quem me ensinou a esqui quando eu tinha pouco mais de dez anos. Era um esplêndido sujeito. Foi uma espécie de pai para mim, precisamente na época em que eu mais precisava de um...

— Compreendo. — E o Major Smythe desviou o olhar. — Sinto muito...

James Bond se levantou:

— Bem, preciso voltar a Kensington. — E levantou a mão, para deter o major. — Não, não precisa incomodar-se. Sei onde o carro ficou... — Olhou para o homem mais velho e disse, ríspidamente, quase com brutalidade: — Dentro de uma semana, alguém virá buscá-lo...

E caminhou, em passos firmes, sem se voltar, pela alameda afora. O major ouviu o ruído do arranque do motor e o chiado dos pneus do táxi nas pedrinhas miúdas da estrada.

Agora, ele procurava a sua presa, ao longo do recife de coral, pensando exatamente no sentido das palavras de James Bond. E sorriu por trás da

máscara Pirelli. Era uma versão nova de um velho dramalhão, que consistia em deixar uma pistola com o oficial culpado, para que este mesmo estourasse os miolos. Se James Bond quisesse, poderia ter telefonado para a Government House e pedido um oficial de igual patente do Regimento da Jamaica para levar preso o Major Smythe. De certo modo, o seu gesto fora decente. Ou não fora? Um suicídio era mais limpo, economizava uma porção de trabalho e de papéis, que consumiriam o dinheiro dos contribuintes. Devia agradecer a James Bond a solução que ele parecia sugerir? Acaso encontraria Mary no lugar para onde vão as almas dos suicidas? Ou era melhor a Corte Marcial, a indignidade, as formalidades cacetes, as manchetes, o aborrecimento e a solidão de uma prisão perpétua, da qual só o livraria a terceira crise das coronárias? Poderia defender-se: era tempo de guerra, lutara com Oberhauser no alto da montanha, ele era um prisioneiro e tentara fugir... Oberhauser sabia do esconderijo do dinheiro... E ele, pobre oficial dos Comandos, tantas vezes arriscando a vida pela pátria, fora fraco e não resistira à tentação... Poderia entregar-se dramaticamente à misericórdia do Tribunal Militar... Um coronel certamente seria designado para defendê-lo e o faria com a maior eloquência. Poderia haver um apelo à Corte Suprema. Seu caso comoveria a Inglaterra e se tornaria uma cause célebre. Venderia sua história, com as reminiscências de guerra, aos grandes jornais... Mas...

Cuidado, meu velho! Cuidado! Seus pés agora tocavam o chão, sob as ondas que encrespavam a superfície da praia de North Shore. Por onde estariam os peixes-escorpiões? O polvinho querido estava faminto, esperando o seu almoço. Apurando a vista, perto do recife de coral, o Major Smythe viu as antenas de um lagostim, acenando inquisitivamente para ele. Normalmente, ele se esqueceria de tudo, para capturar o lagostim, que era, talvez, o maior que até então encontrara. Mas agora só tinha uma preocupação: a de descobrir a silhueta irregular e provocante do peixe-escorpião. Só depois de mais dez minutos de busca encontraria o primeiro. Os olhos vermelhos e zangados do peixe, muito abertos, o observavam. Para fisgá-lo, com o arpão, teria que fazer uma investida rápida, na vertical, firme e certa. Sabia que as agulhas envenenadas se projetariam para fora da cabeça pontiaguda do monstro. Tinha que se mover lentamente, na direção do peixe, usando o braço livre para nadar. E... Agora! Avançou, para a frente e para baixo, mas o peixe-escorpião sentira a aproximação do arpão antes que este o tocasse. Uma lufada de areia se levantou do fundo do mar, atingido pelo golpe. E qualquer coisa roça em seu corpo, dando a impressão do voo de um pássaro. O major praguejou e fez meia volta, dentro da água. Sim, o peixe-escorpião fizera o que tantas vezes

fazia: fora buscar refúgio entre as algas e as rochas, confiante em sua soberba camuflagem. O major voltou à carga, em novo mergulho, dessa vez ainda mais atento, e zás! O peixe-escorpião se agitava, agora, na ponta do arpão. A excitação foi tão grande que o Major Smythe vacilou e sentiu a antiga dor oprimir-lhe o peito. Pôs-se de pé, firmou o arpão contra a areia, atravessando inteiramente a presa, que ainda se agitava desesperadamente, e dirigiu-se à praia, indo sentar-se num banco de madeira, ao lado do qual atirou o peixe, fígado, a se debater. Uns cinco minutos depois, o Major Smythe sentiu uma curiosa dormência na região do plexo solar. Olhou para baixo e estremeceu, de horror e incredulidade. Uma região de sua pele, com o tamanho aproximado de uma bola de críquete, tornara-se impressionantemente branca, a despeito do bronzeado de seu busto. No centro dessa área, havia três pequenas manchas sanguíneas. Automaticamente, o Major Smythe limpou o sangue. Os furos eram do tamanho de picadas de agulhas. Ele se lembrou, então, da fuga do peixe-escorpião, quando tentara arpoá-lo da primeira vez, e exclamou alto, com pavor, mas sem animosidade: — Tu me apanhaste, bastardo! Tu me apanhaste!

Imóvel, olhava para o próprio corpo, recordando-se do que lera sobre os ferrões do peixe-escorpião no livro que tomara emprestado à biblioteca do Instituto e nunca devolvera — *Perigosos Animais Marinhos*, publicação norte-americana. Tocou delicadamente a pele da área atingida. Sim, a pele se tinha tornado intumescida e de todo insensível, mas por baixo começava a sentir dor. Em breve essa dor profunda e intensa percorreria o seu corpo inteiro, tão lancinante que o seu único desejo seria o de deitar-se na areia, gritando e rolando, para abafá-la. Vomitaria e deitaria espuma pela boca, teria delírio e convulsões, até perder a consciência. Então, sobreviria, inevitável, o colapso cardíaco mortal. De acordo com o livro, o ciclo completo desses tormentos não passaria de um quarto de hora. Era tudo quanto lhe restava: quinze minutos de atroz agonia! Haveria cura, é claro — com procaínas, antibióticos e anti-histamínicos —, se seu coração debilitado suportasse tais medicamentos. Mas estes deviam estar à mão. Mesmo que conseguisse chegar em casa e admitindo que Jimmy Greaves dispusesse de todos esses remédios modernos, ele não poderia alcançar Wavelets antes de uma hora.

A primeira descarga de dor fez o corpo do Major Smythe dobrar-se sobre si mesmo. Depois outra e mais outra, irradiando-se através do estômago e dos membros. Sentia um gosto metálico na boca e uma coceira insuportável nos lábios. Deixou escapar um gemido e saltou do banco para a praia. Sobre a areia, ainda arquejava o peixe-escorpião. Houve uma trégua nos espasmos da

dor. Seu corpo inteiro estava em fogo. Apesar da agonia o raciocínio permanecia claro. Mas, ora essa! Ia esquecendo a experiência! Devia ir à loca do polvo, para servir seu almoço! “Polvo, polvinho, vai ser a última refeição que eu te dou!”, dizia a si mesmo o Major Smythe, ajustando a máscara no rosto. Depois, apanhou o arpão, com o peixe espetado e, apertando o estômago com a mão livre, caminhou pela água adentro e, depois, mergulhou junto ao recife de coral. Poucas jardas o separavam agora do polvo. E foi gritando dentro da máscara, arrastando-se, quase de joelhos, que ele as percorreu. À medida que a água se tornava mais profunda, a dor se fazia mais intensa e seus movimentos pareciam com os de um fantoche, impulsionado por um feixe de cordéis. Só a poder de uma grande força de vontade pôde continuar rumo à morada do polvo. Sim, a sua massa escura ainda estava lá! E parecia excitadíssima. Por quê? O Major Smythe viu que as feridas de seu peito vertiam filetes de sangue escuro, que se diluía na água do mar. Era claro! O querido polvo sentira o gosto do seu sangue. Uma descarga de dor atingiu o major e o fez vergar-se. Disse a si mesmo, em delírio: “Que é isso, Dexter?! Firme, meu velho. Você tem que dar almoço ao polvinho”. Endireitou-se, empunhando o arpão com firmeza e aproximando o peixe da toca do polvo. Aceitaria ele a isca envenenada que o Major Smythe lhe oferecia e à qual talvez um octópode poderia ser imune? Ah, se Bengry estivesse presente, para observar! Três tentáculos, ondulando excitadamente, saíram da loca e passearam ao redor do peixe-escorpião. Agora, havia uma espécie de nevoeiro diante dos olhos do Major Smythe. Reconhecendo estar à beira da inconsciência, ele agitou fracamente a cabeça, para dissipá-lo. E, então, os tentáculos deram um salto! Mas não para o peixe: apertaram a mão e o braço que empunhavam o arpão. A boca do Major Smythe se torceu, numa careta de prazer. Agora, ele e o polvo podiam se apertar as mãos! Como era excitante! Que coisa maravilhosa! Mas o polvo, calma e implacavelmente, continuou a enroscar os seus tentáculos e a chamar a si o corpo do major. Só então Smythe compreendeu que algo de terrível ia acontecer. Fez um apelo a todas as suas forças e tentou golpear o octópode com o arpão. Mas tudo quanto conseguiu foi bater com o peixe-escorpião na massa escura do polvo. E, com o movimento que fez, ofereceu-se ainda mais a este, que o atraía de forma inexorável. Tarde demais o Major Smythe retirou sua máscara. Conseguindo alcançar a superfície, soltou um grito que reboou pela baía deserta, mas logo foi puxado para baixo. E, depois de algumas bolhas de ar, vieram à tona as pernas do major. As ondas lavavam o seu corpo, enquanto o polvo fazia a primeira tentativa para devorá-lo. O resto de Smythe foram encontrados por dois jovens da Jamaica, que pescavam peixes-agulhas numa

canoa. Eles mataram o polvo, recolheram o arpão do Major Smythe com o peixe-escorpião e levaram os três despojos para a praia. O cadáver do major foi entregue à polícia e o peixe-escorpião aproveitado para a ceia. O destino do polvo de estimação seria também a panela ... O correspondente do Daily Gleaner em North Shore comunicou que o Major Smythe tinha sido morto por um polvo. Mas a redação do jornal, para não alarmar os turistas, preferiu dizer que ele “fora encontrado afogado”. Mais tarde, em Londres, James Bond, embora certo de que se tratara de um suicídio, anotou no dossier Oberhauser a versão do afogamento, com a respectiva data, na última página, o que encerrava o assunto. Somente pelas notas do Dr. Greaves sobre a autópsia, por ele mesmo realizada, é que foi possível escrever esta espécie de *post-scriptum* sobre o estranho e patético fim do outrora corajoso e útil oficial do Serviço Secreto.

Encontro em Berlim

(THE LIVING DAYLIGHTS)

James Bond estendia-se em posição na marca das quinhentas jardas da famosa linha de tiro Century Range, em Bisley. A pequena estaca branca na grama a seu lado dizia 44 e o mesmo número se repetia bem alto no talude distante acima do solitário alvo de seis pés quadrados que, ao olho humano e no crepúsculo do fim de verão, não parecia maior que um selo de correio. Mas a luneta de Bond, uma Sniperscope infravermelha fixada sobre o seu rifle, cobria todo o quadro. Ele podia até distinguir com clareza as cores azul-pálido e bege em que se dividia o alvo, e a mosca semicircular de seis polegadas parecia tão grande como a meia lua que já começava a se mostrar baixa no céu que escurecia acima da crista remota de Chobham Ridges.

O último tiro de James Bond fora um esquerdo interno — não o satisfizera. Deu uma outra olhada às bandeiras de vento amarelas e azuis. Tremulavam do leste através da linha de tiro mais intensamente do que quando tinha começado o seu tiro meia hora antes, e ele mudou o anemômetro dois pontos para a direita e assestou os dois fios cruzados da Sniperscope de volta ao foco de mira. Instalou-se então, colocou o indicador de leve dentro da guarda e sobre a curva do gatilho, prendeu a respiração e muito, muito suavemente apertou.

O estampido vicioso ecoou ao longo do campo vazio. O alvo desapareceu abaixo do solo e imediatamente o “boneco” tomou o seu lugar. Sim, a marca negra estava embaixo no canto direito desta vez, não no canto esquerdo: mosca.

— Bom — disse a voz do oficial chefe da linha, atrás e acima dele. — Fique com a mira.

O alvo já subira de novo e Bond recolocou a bochecha sobre o trecho quente da volumosa coronha de madeira e o olho na borracha que cerca a ocular da luneta. Enxugou a mão de atirar contra o lado das calças e pegou na coronha da pistola que sobressaía angulosamente da guarda do gatilho. Abriu de uma polegada o ângulo das pernas. Agora haveria cinco descargas rápidas. Era interessante ver se isso não provocaria “desgaste”. Ele achava que não. Esta arma extraordinária que o armeiro tinha descoberto sabe lá como dava à

gente a sensação de que um homem de pé à distância de uma milha seria prato fácil. Era mais um rifle Experimental de Alvo Internacional, calibre 308, construído pela Winchester para ajudar os ases americanos do tiro em campeonatos mundiais, e tinha os dispositivos usuais das armas de alvo superacuradas — uma “mão” espiralada de alumínio nas costas da coronha que se estendia debaixo da axila e mantinha a arma com firmeza junto ao ombro, e uma pequena roda dentada ajustável abaixo do centro de gravidade do rifle para permitir que ele “se agarrasse” ao sulco do seu descanso de madeira. O armeiro tinha mandado trocar o ferrolho de tiro único usual por um depósito de cinco tiros, e tinha garantido a Bond que se ele deixasse apenas dois segundos entre cada tiro para estabilizar a arma não haveria desgaste, mesmo a quinhentas jardas. Para o serviço que devia fazer, Bond achava que dois segundos poderiam representar uma perda perigosa de tempo se errasse o seu primeiro tiro. De qualquer forma, M dissera que a distância não seria maior que trezentas jardas. Bond encurtaria o tempo para um segundo — fogo quase contínuo.

— Pronto?

— Sim.

— Vou à contagem regressiva de cinco. Agora! Cinco, quatro, três, dois, um. Fogo!

O chão tremeu ligeiramente e o ar silvou enquanto as cinco cápsulas velozes de cuproníquel varejavam o crepúsculo. O alvo baixou e rapidamente voltou a erguer-se condecorado com quatro pequenos discos brancos agrupados bem juntos na mosca. Não houve nenhum quinto disco — nem mesmo um negro para indicar um interno ou externo.

— A última descarga foi baixa — disse o chefe da linha baixando seus binóculos noturnos. — Obrigado pela contribuição. Limpamos a areia atrás daqueles alvos todo fim de ano.

Nunca recolhemos menos de quinze toneladas de estilhaços em legítimo chumbo e cobre. Um bom dinheiro.

Bond tinha-se levantado. O cabo Menzies da seção dos armeiros surgiu do pavilhão do Clube de Tiro e ajoelhou-se para desmontar a Winchester e o seu descanso. Olhou para cima encarando Bond. Disse com uma ponta de crítica. — O senhor tocou a coisa um pouco rápido. A última descarga tinha de escoicear.

— Eu sei, cabo. Só queria ver com que rapidez eu podia tocar. Não quero

pôr a culpa na arma. É um trabalho enxuto, infernal. Por favor, diga isso por mim ao armeiro. Agora é melhor ir andando. Você tem condução de volta a Londres, não?

— Tenho, sim senhor. Boa noite.

O oficial chefe da Linha entregou a Bond uma ficha de seu tiro — dois tiros de ensaio e depois dez descargas para cada cem jardas até as quinhentas. — Pontaria danada de boa com esta visibilidade. Você devia voltar aqui o ano que vem e tentar o Prêmio da Rainha. Hoje em dia está aberto para todos — isto é, da Comunidade Britânica.

— Obrigado. O problema é que não passo tanto tempo assim na Inglaterra. E muito obrigado por ter feito a marcação para mim.

Bond olhou para a distante Torre do Relógio. De cada lado, a bandeira vermelha de perigo e o tambor vermelho de sinalização estavam sendo arriados para mostrar que o tiroteio tinha cessado. Os braços marcavam nove e quinze. — Gostaria de oferecer-lhe um drinque, mas tenho um encontro em Londres. Podemos adiá-lo até o Prêmio da Rainha de que você estava falando?

O chefe da Linha fez que sim com a cabeça, neutramente. Ele tinha aguardado ansioso a oportunidade de conhecer mais coisas sobre este homem que surgira assim sem mais nem menos depois de uma série de avisos do Ministério da Defesa e fora em frente acertando bem mais de noventa por cento em todas as distâncias, isso depois de fechada a linha para a noite e com visibilidade entre sofrível e má. E por que tinha ele, que só oficiava no encontro anual de julho, sido escalado para estar presente? E por que lhe tinham dito para providenciar uma mosca de seis polegadas a 500 jardas para Bond, em vez da regulamentar de quinze polegadas? E por que todos esses cuidados com a bandeira de perigo e o tambor de sinalização que só se usavam em ocasiões cerimoniais? Para pressionar o homem? Para dar um clima de urgência ao tiro? Bond. Comandante James Bond. A A.N.R. certamente teria a ficha de uma pessoa que atirava tão bem assim. Não se esqueceria de dar-lhes um telefonema. Que hora estranha para um compromisso em Londres. Provavelmente uma garota. O rosto do chefe da Linha assumiu uma expressão de desagrado. O tipo do sujeito que apanhava todas as garotas que queria.

Os dois homens caminharam através da bela fachada da sede do clube além da linha de tiro até o carro de Bond que estava estacionado diante de uma reprodução em ferro do famoso “Veado em Fuga” de Landseer toda

picotada de balaços. — Uma beleza de carro — comentou o chefe da Linha. Nunca vi uma carroçaria assim num Continental. Mandou fazê-la especialmente?

— Mandeí. Os Sports Saloons na verdade só têm dois lugares. E muito pouco espaço para bagagem. Por isso pedi a Mulliner's que o transformassem num verdadeiro dois-lugares e com porta-malas de sobra. Um carro egoísta, não há dúvida. Bem, boa noite. E novamente muito obrigado.

O escape roncou com saúde e as rodas traseiras cuspiram cascalho por um instante.

O oficial chefe da Linha observou os faróis rubis desaparecerem na King's Avenue a caminho da estrada de Londres. Girou nos calcanhares e foi procurar o cabo Menzies numa busca de informação que terminaria sem frutos. O cabo permaneceu tão fechado como a grande caixa de mogno que estava colocando num Land-Rover caqui, limpo de símbolos militares. O chefe da Linha era um major. Tentou apelar para a hierarquia, mas sem êxito. O Land-Rover afastou-se rodando no rastro de Bond. O major dirigiu-se soturno aos escritórios da Associação Nacional do Rifle para tentar achar a informação que queria na biblioteca sob o nome "Bond, J."

O compromisso de James Bond não era com uma garota. Era com um voo da B.E.A. para Hanover e Berlim. Enquanto engolia as milhas que o separavam do Aeroporto de Londres, pisando firme o grande carro a fim de ter tempo de sobra para um drinque, três drinques, antes da decolagem, apenas uma parte de sua mente fixava-se na estrada. O restante reexaminava pela enésima vez a sequência que agora o conduzia a um encontro com um aeroplano. Mas apenas um encontro provisório. Seu compromisso final numa das três próximas noites em Berlim era com um homem. Tinha que se encontrar com esse homem e infalivelmente matá-lo com um tiro.

Quando, por volta de duas e meia daquela tarde, James Bond atravessara as portas duplamente acolchoadas e sentara-se em frente do perfil voltado, do outro lado da grande escrivaninha, sentira imediatamente o perigo no ar. Não houve troca de cumprimentos. A cabeça de M afundava-se no colarinho duro numa pose churchilliana de sombria reflexão, e havia um traço de amargura nos cantos dos lábios. Girou a cadeira para encarar Bond, passou-lhe um olhar examinador como se, pensou Bond, quisesse verificar se sua gravata estava direita e o cabelo adequadamente penteado, e então começou a falar, rapidamente, atalhando suas sentenças como se desejasse ver-se livre do que estava dizendo, e de Bond, o mais depressa possível.

— O número 272. É um bom homem. Você talvez não o conheça. Pela simples razão de que ficou naquele buraco da Novaya Zemlya desde a guerra. Agora está tentando sair — carregado de material. Atômico e foguetes. E o plano deles para toda uma nova série de testes. Para 1961. Querem avivar o fogo no Ocidente. Algo a ver com Berlim. Não vejo bem o quadro mas o Foreign Office diz que se for verdade é uma coisa tremenda. Ridiculariza a Conferência de Genebra e toda essa demagogia sobre desarmamento nuclear que o bloco comunista vem fazendo. Ele conseguiu chegar até a Berlim Oriental. Mas tem praticamente toda a KGB no seu encalço — e as forças de segurança da Alemanha Oriental, é claro. Está entocado num buraco qualquer da cidade e conseguiu passar-nos uma mensagem — de que atravessaria entre seis e sete da tarde numa das três próximas noites — amanhã, depois de amanhã ou no dia seguinte. Indicou o ponto de travessia. O problema — a curva dos lábios de M, voltada para baixo, tomou-se ainda mais amarga — é que o mensageiro que ele usou fazia jogo duplo. A estação W.B. pilhou-o ontem. Por acaso. Deu sorte com um dos códigos da KGB O mensageiro será mandado de avião para julgamento, naturalmente. Mas isso não ajudará em nada. A KGB sabe que o 272 vai tentar a travessia. Sabem quando. Sabem onde. Sabem tanto quanto sabemos e nada mais. Ora, o código que deciframos ontem era um esquema de um só dia em suas máquinas. Mas conseguimos todo o tráfico daquele dia e isso foi bastante bom. Planejam alvejá-lo ao tentar a travessia. No cruzamento de ruas entre a Berlim Leste e a Oeste que nos indicou na mensagem. Estão montando uma operação daquelas — operação “Êxtase” como a chamam. Puseram o seu melhor tocaia no serviço. Tudo o que soubemos dele ó que seu nome cifrado é a palavra russa para “Gatilho”. A estação W.B. acha que é o mesmo homem já usado em outros serviços de tocaia. Um serviço de longo alcance através da fronteira. Ficará de guarda toda noite nesse cruzamento e sua missão é acertar no 272. É óbvio que eles certamente prefeririam fazer um serviço mais suave com metralhadoras e coisas do gênero. Mas Berlim está calma no momento e parece que a ordem é ficar assim. De qualquer forma — M sacudiu os ombros — eles têm confiança nesse operador “Gatilho” e o negócio vai ser assim!

— E onde é que eu entro? — James Bond tinha adivinhado a resposta, adivinhado porque M mostrava seu desagrado com a coisa toda. Ia ser trabalho sujo e Bond, porque pertencia à Seção Zero-Zero, tinha sido escolhido para fazê-lo. Perversamente, Bond queria forçar M a pôr o preto no branco. Iam ser notícias más, notícias sujas e ele não queria ouvi-las de um dos oficiais da Seção, nem mesmo do chefe do Estado-Maior. O negócio ia

ser assassinio. Está bem. Que M tenha então a coragem de me dizer.

— Onde é que você entra, 007? — M olhou friamente do outro lado da escrivaninha. — Você sabe onde é que você entra. Você tem que matar esse tocaia. E tem que matá-lo antes que acerte no 272. É tudo. Está claro? — Os olhos azuis-claros permaneceram frios como gelo. Mas Bond sabia que só ficavam assim com um esforço da vontade. M não gostava de mandar qualquer homem para um homicídio. Mas, quando isso tinha de ser feito, ele sempre assumia a sua severa e fria ação de comando. Bond sabia a razão. Era para tirar um pouco da pressão, um pouco da culpa, dos ombros do matador.

Portanto Bond, que sabia dessas coisas, decidiu agora tornar fácil e rápida a tarefa de M. Levantou-se. — Está certo, sir. Suponho que o chefe do Estado-Maior tenha tudo pronto. É melhor eu ir praticar um pouco. Não seria bom errar.

Caminhou para a porta.

M disse calmamente: — Sinto ter que lhe dar essa tarefa. Serviço desagradável. Mas tem que ser bem executado.

— Farei o melhor — James Bond saiu fechando a porta atrás de si. Não gostava do serviço mas no final preferia fazê-lo a assumir a responsabilidade de mandar alguém em seu lugar.

O chefe do Estado-Maior tinha sido apenas um pouco mais simpático. — Lamento esta sua aquisição, James — dissera ele. — Mas Tanqueray foi inflexível, não tinha ninguém suficientemente bom na estação e esse não é o tipo de serviço que se pode pedir a um soldado regular para fazer. Há uma porção de excelentes tiros na B.A.O.R., mas um alvo vivo requer outro tipo de coragem. De qualquer forma, liguei para Bisley e marquei um exercício para você esta noite às oito e quinze quando a linha estiver fechada. A visibilidade será mais ou menos a mesma que você terá em Berlim cerca de uma hora antes. O armeiro está com a arma — verdadeira obra de arte para alvejar, e vai mandá-la por um de seus homens. Você irá com a sua própria condução. Depois, há um voo de carreira para Berlim à meia-noite reservado em seu nome na B.E.A. Tome um táxi até esse endereço. — Entregou a Bond um pedaço de papel. — Suba ao quarto andar e encontrará o número 2 de Tanqueray à sua espera. Depois disso, sinto que você terá que esperar sentado pelos próximos três dias.

— E a arma? Esperam que atravesse a alfândega alemã com ela dentro de um saco de golfe ou coisa assim?

O chefe do Estado-Maior não tinha achado graça. — Seguirá pela mala diplomática. Você a receberá amanhã ao meio-dia. — Tinha estendido a mão até o bloco de avisos. — Bem, é melhor ir andando. Vou avisar a Tanqueray que está tudo combinado.

James Bond baixou o olhar para o rosto azul difuso do relógio no painel do carro. Dez e quinze. Com um pouco de sorte, amanhã a esta hora estaria tudo terminado. Afinal, era a vida deste homem “Gatilho” contra a vida do 272. Não era exatamente homicídio. Estava perto disso, no entanto. Apertou maldosamente sua buzina-de-serra tripla ao passar por um quatro portas comum, ingressou no cruzamento circular com uma derrapagem seca desnecessária, girou violentamente o volante fazendo a correção e apontou o nariz do Bentley em direção do brilho distante que era o Aeroporto de Londres.

O edifício feio de seis andares na esquina da Kochstrasse e da Wilhelmstrasse era o único de pé na desolação de um espaço vazio bombardeado. Bond pagou o táxi e gravou uma breve impressão de capim, alto como a cintura, e de paredes de entulho mal reparadas, estendendo-se na direção de um grande cruzamento deserto iluminado por um feixe central de lâmpadas amareladas em arco, antes de apertar o botão para o quarto andar e imediatamente ouviu o clique do dispositivo que abria a porta do prédio. A porta fechou-se atrás dele e caminhou então sobre o chão de cimento sem tapete até o antiquado elevador. O cheiro de repolho, cigarro barato e suor rançoso lembravam outros prédios de apartamentos na Alemanha e Europa Central. Até o arrastar e o guincho fraco do elevador vagaroso eram parte de centenas de missões em que tinha sido lançado por M, como um projétil, a algum alvo distante onde um problema aguardava a sua chegada, à espera de ser resolvido por ele. Pelo menos desta vez o comitê de recepção estava do seu lado. Desta vez não havia nada a temer no fim da escada.

O número 2 da Estação W.B. de Serviço Secreto era um homem esguio e tenso de quarenta e poucos anos. Vestia o uniforme de sua profissão — terno bem cortado e bem usado de tweed leve ponto pé-de-pato num tom verde-escuro, camisa de seda macia branca e uma velha gravata de colégio — neste caso de Wykeham. Ao ver a gravata, enquanto trocavam as saudações convencionais no pequeno saguão mofado do apartamento, o ânimo de Bond, já baixo, desceu mais um degrau. Conhecia esse tipo: espinha dorsal do Serviço Público; superestudioso e mal-amado em Winchester; um bom segundo em P.P.E. em Oxford; a guerra, cargos funcionais que teria ocupado meticulosamente; talvez uma Ordem do Império Britânico; Comissão do

Controle Aliado na Alemanha, onde fora recrutado no Ramo I e a partir de então — porque era o funcionário ideal e A. 1 junto à Segurança e porque pensava em encontrar vida, drama, romance, todas as coisas que nunca tinha tido — lá fora ele para o Serviço Secreto. Um homem sóbrio, cuidadoso se fizera necessário para bancar a dama de companhia de Bond neste negócio feio. O Capitão Paul Sender, que já servira na Guarda Galesa, tinha sido a escolha óbvia. E tinha aceitado. Agora, como bom Wykehamista, escondia o seu desagrado pelo serviço debaixo de uma conversa cuidadosa e banal enquanto mostrava a Bond a planta do apartamento e as providências tomadas para a prontidão do carrasco e, numa medida modesta, para o seu conforto.

O apartamento consistia de um amplo dormitório conjugado, um banheiro e uma cozinha equipada de enlatados, leite, manteiga, ovos, chá, bacon, pão e uma garrafa de Dimple Haig. O único detalhe estranho no quarto de dormir era que uma das camas duplas estava encostada em ângulo contra as cortinas que cobriam o amplo janelão único e sobre ela se empilhavam três colchões cobertos pela roupa de cama.

O Capitão Sender disse: — Gostaria de dar uma olhada ao campo de fogo? Poderei então explicar o que é que o lado de lá tem em mente.

Bond estava cansado. Não desejava especialmente ir dormir com a imagem do campo de batalha na memória. Disse: — Seria ótimo.

O Capitão Sender apagou as luzes. Faixas luminosas das lâmpadas no cruzamento apareceram em volta das cortinas. — Não quero puxar as cortinas — disse o Capitão Sender. — É pouco provável, mas eles podem ter sido alertados contra um grupo de cobertura para o 272. Queria que você apenas se deitasse na cama e enfiasse a cabeça por baixo das cortinas. Explicarei o que você estiver vendo. Olhe para a esquerda.

Era uma janela de guilhotina e a metade inferior estava aberta. Os colchões, especialmente escolhidos, só cediam um pouco e James Bond encontrou-se mais ou menos na posição de tiro que tinha adotado em Century Range, mas agora olhava através de terreno descontínuo, coberto de densa vegetação e bombardeado, na direção do rio de luz que era a Zimmerstrasse — a fronteira com a Berlim Oriental. Parecia a umas cento e cinquenta jardas de distância. A voz do Capitão Sender acima dele e por trás da cortina começou a recitar. Lembrava a Bond uma sessão espírita.

— Ali é terreno bombardeado à sua frente. Bastante cobertura. Umas cento e trinta jardas até a fronteira. Depois a fronteira — a rua — e então um trecho grande ainda de terreno bombardeado no campo do inimigo. É por isso

que o 272 escolheu essa passagem. É um dos poucos locais na cidade em que o terreno é descontínuo — capinzais cerrados, muros em ruínas, porões — nos dois lados da fronteira. Ele deverá es-gueirar-se entre aquela confusão do outro lado e arremessar-se através da Zimmerstrasse até alcançar a confusão do nosso lado. O problema é que terá de correr trinta jardas de fronteira fortemente iluminada. Será o espaço da matança. Certo?

Bond disse: — Sim.

Disse-o com suavidade. O cheiro do inimigo, a necessidade de tomar cuidado, já estavam atuando sobre seus nervos.

— À sua esquerda, aquele novo e imenso bloco de dez andares é a Haus der Ministerien, o grande centro cerebral de Berlim-Leste. Você pode ver que as luzes ainda estão acesas na maioria das janelas. A maior parte delas ficará assim toda a noite. Esses sujeitos trabalham mesmo — seus turnos dão a volta no relógio. Você provavelmente não precisará preocupar-se com as janelas acesas. Esse fulano “Gatilho” certamente vai atirar de uma das janelas escuras. Você verá que existe um grupo de quatro, juntas, na quina acima do cruzamento. Ficaram escuras na noite passada e esta noite. Elas têm o melhor campo de fogo. Daqui, o seu alcance varia entre trezentas e trezentas e dez jardas. Estou com todos os números e dados quando você quiser. Não é preciso preocupar-se muito mais. Aquela rua fica vazia durante a noite — apenas as patrulhas motorizadas cerca de cada meia hora — carros blindados leves com uma dupla de motocicletas por escolta. Na noite passada, que suponho normal, entre seis e sete, que é a hora em que se fará este serviço, havia umas poucas pessoas entrando e saindo por aquela porta lateral. Uns funcionários. Antes disso nada fora do comum — o fluxo costumeiro de pessoas entrando e saindo de um edifício de governo movimentado — com exceção, veja só, de uma miserável orquestra completa de mulheres. Fizeram uma confusão infernal numa sala de concertos que tem ali. Parte do bloco aloja o Ministério da Cultura. Fora disso nada — certamente nenhuma das pessoas da KGB que conhecemos, nem sinais de preparação para um serviço deste gênero. Mas nem pode haver sinais. São muito cuidadosos estes sujeitos da oposição. De qualquer maneira, dê uma boa olhada. Não esqueça que agora está mais escuro do que amanhã por volta das seis. Mas você pode formar um quadro geral.

Bond formou o quadro geral e o quadro ficou com ele muito tempo enquanto o outro homem já dormia e ressonava suavemente com um pequeno som regular que lembrava um fraco estalido — um ronco Wykehamista, refletiu Bond irritado.

Sim, tinha formado o quadro — o quadro de um lampejo movimento entre as ruínas sombreadas no outro lado do brilhante rio de luz, uma pausa, e então a desesperada corrida em ziguezague de um homem sob o impacto luminoso das lâmpadas, o espocar da arma de fogo e, ou um fardo retorcido espalhado no meio da rua larga, ou então a investida sempre em frente através do capinzal e do entulho no Setor Ocidental — morte súbita ou volta a casa. O grande desafio! Quanto tempo teria Bond para localizar o tocaia russo numa daquelas janelas escuras? E para matá-lo? Cinco segundos? Dez? Quando o amanhecer começava a cobrir as cortinas com o tom metálico das armas, Bond capitulou para sua mente agitada. Ela tinha ganho. Foi em silêncio até o banheiro e inspecionou as fileiras de remédios que um prestimoso Serviço Secreto tinha providenciado para manter o seu carrasco em boa forma. Escolheu o Tuinal, engoliu duas das cápsulas concentradas, rubis e azuis, com um copo de água e voltou à cama. Então, chumbado, dormiu.

Acordou ao meio-dia. O apartamento estava vazio. Bond abriu as cortinas para deixar entrar o dia cinzento prussiano e, de pé a uma boa distância da janela, ficou vendo a monotonia de Berlim e ouvindo o ruído dos bondes e o arranhar distante dos trens da U-Bahn na grande curva de entrada da estação do Zoo. Lançou um olhar rápido e relutante ao que já tinha examinado na noite anterior, notou que o capim no entulho de bombardeio era mais ou menos o mesmo de Londres — loendro, labacol e samambaia — e dirigiu-se então à cozinha. Havia uma nota apoiada numa fatia de pão: “Meu amigo (eufemismo do Serviço Secreto que neste contexto significava o chefe de Sender) diz que não há mal em você sair. Mas esteja de volta às 17 horas. Seu equipamento (outra palavra para o rifle de Bond) chegou e o bagageiro a entregará esta tarde. P. Sender.”

Bond acendeu o fogão a gás e queimou a mensagem com desprezo por sua profissão e em seguida preparou um prato enorme de ovos mexidos e bacon que amontoou sobre uma torrada coberta de manteiga e comeu com acompanhamento de café preto no qual derramara uma porção liberal de uísque. Depois tomou um banho e barbeou-se, vestiu as roupas descoloridas, centro-europeias e anônimas que tinha trazido para a sua missão, olhou a sua cama em desordem, decidiu que tudo fosse para o inferno e desceu pelo elevador deixando o edifício.

James Bond sempre achara Berlim uma cidade deprimente e hostil, esmaltada no lado Ocidental com o verniz superficial de um polimento pretensioso parecido com os enfeites cromados dos carros americanos.

Caminhou até a Kurfurstendamm, sentou-se no Café Marquardt, tomou um expresso e ficou observando com tédio as filas obedientes de pedestres esperando o sinal “Siga” nos postes de trânsito enquanto a corrente luminosa de carros continuava a sua perigosa quadrilha na movimentada intersecção. Fazia frio lá fora e o vento cortante das estepes russas fustigava as saias das garotas e os impermeáveis dos homens impacientes e apressados, cada um com a infalível pasta enfiada debaixo do braço. Os aquecedores de parede infravermelhos do café apontavam o vermelho para baixo e davam um brilho espúrio ao rosto dos cafeinômanos que degustavam sua tradicional “uma xícara de café e dez copos de água”, lendo de graça os jornais e revistas presos por paus, ou se curvavam com seriedade sobre papéis de negócios. Bond, fechando o pensamento para a noite, discutia consigo mesmo as maneiras de passar a tarde. Finalmente chegou à escolha entre uma visita àquela casa de respeitável fachada de pedra, na Clausewitzstrasse, conhecida de todos os porteiros e choferes de táxi, ou um passeio ao Wannsee e uma vigorosa caminhada no Grunewald. A virtude triunfou. Bond pagou o café, saiu no frio e tomou um táxi até a estação do Zoo.

As belas arvorezinhas jovens em volta do lago extenso já tinham sido tocadas pelo sopro do outono e havia um dourado aqui e ali no meio do verde. Bond caminhou com energia durante duas horas pelas veredas cobertas de folhas e então escolheu um restaurante com terraço envidraçado sobre o lago e saboreou com prazer um chá reforçado consistindo de uma porção dupla de arenques do Norte mergulhados em creme e anéis de cebola, e dois *Molle mit Korn*, o equivalente berlinense de um “fabricante de caldeiras e seu assistente” — schnapps, duplos, acompanhados por um chope Löwenbräu. Sentindo-se então mais animado tomou a S-Bahn para voltar à cidade.

Em frente do prédio de apartamentos, um jovem indefinível estava mexendo no motor de um Opel Kapitän negro. O jovem não tirou a cabeça debaixo do capô quando Bond passou bem perto dele e subiu até a porta e apertou o botão.

O Capitão Sender tranquilizou-o. Era um “amigo” — um cabo da seção de transporte da Estação W.B. Tinha consertado um complicado defeito de motor no Opel. Cada noite, das seis às sete, estaria a postos para provocar uma série de explosões múltiplas pelo escape quando um sinal num radioportátil operado por Sender assim determinasse. Isso daria um pouco de cobertura para o barulho dos tiros de Bond. Caso contrário, a vizinhança poderia alertar a polícia e haveria um monte de explicações difíceis a serem dadas. Seu esconderijo estava no setor americano e embora seus “amigos”

americanos tivessem dado à Estação W.B. permissão para esta operação, os “amigos” estavam naturalmente ansiosos de que fosse um trabalho limpo e sem repercussões.

Bond ficou impressionado favoravelmente com o macête do carro, bem como com as preparações muito profissionais que tinham sido feitas para ele na sala de estar. Aqui, além da cabeça desta cama alta, proporcionando uma posição de fogo perfeita, tinha-se erguido um apoio de madeira e metal contra o largo peitoril da janela e ao longo dele repousava a Winchester, a ponta do seu cano tocando apenas as cortinas. A madeira e todas as partes metálicas do rifle e da Sniperscope tinham sido pintadas de preto fosco e, colocado sobre a cama como um sinistro traje de noite, havia um capuz de veludo negro costurado a uma camisa da mesma fazenda que alcançava até a cintura. O capuz tinha aberturas amplas para os olhos e a boca. Lembrava a Bond velhas gravuras da Inquisição Espanhola, ou dos operadores anônimos na plataforma da guilhotina durante a Revolução Francesa. Havia um capuz semelhante sobre a cama do Capitão Sender e, em sua secção do peitoril, binóculos noturnos e o microfone para o aparelho de rádio.

O Capitão Sender, de rosto preocupado e nervos lensos, disse que não havia nenhuma novidade na estação, nenhuma mudança na situação, que soubessem. Queria Bond algo para comer? Ou uma taça de chá? Talvez um tranquilizador — havia dos mais variados no banheiro?

Bond abriu o rosto numa expressão alegre e relaxada e disse não obrigado, e fez um relato bem-humorado do seu dia enquanto uma artéria perto do seu plexo solar começava a pulsar suavemente à medida que a tensão aumentava dentro dele como uma mola de relógio esticada. Por fim, o assunto esgotou-se e ele se estendeu sobre a sua cama com um livro policial alemão que tinha comprado durante o passeio, enquanto o Capitão Sender se movia com impaciência pelo apartamento, olhando a todo instante ao relógio e fumando, um atrás do outro, cigarros Kent com filtro através (era um homem cuidadoso) de uma piteira Dunhill.

A leitura que James Bond escolhera, promovida por uma capa espetacular com uma garota meio nua amarrada a uma cama, foi bastante oportuna para a ocasião. Chamava-se *Verderbt, Verdammt, Verraten*. O prefixo *ver* significava não só que a garota tinha sido arruinada, desgraçada e traída, mas que tinha sofrido essas desventuras da maneira mais intensa. James Bond perdeu-se por algum tempo nas tribulações da heroína, Gräfin Liselotte Mutzenbacher, e foi com irritação que ouviu o Capitão Sender dizer que eram cinco e meia, hora

de tomarem seus postos.

Bond tirou o paletó e a gravata, pôs dois tabletes de goma de mascar na boca e enfiou o capuz. As luzes foram apagadas pelo Capitão Sender e Bond estirou-se ao longo da cama, aproximou o olho da ocular da Sniperscope e suavemente ergueu a beirada inferior da cortina colocando-a por cima da cabeça sobre seus ombros.

Agora a noite estava chegando, mas fora disso o cenário, que um ano depois se tornaria famoso como Checkpoint Charlie, parecia uma fotografia de que se tinha boa lembrança — o terreno baldio à sua frente, o rio brilhante da rua fronteira, o terreno baldio mais adiante e, à esquerda, o horrendo bloco quadrado da Haus der Ministerien com suas janelas acesas e escuras. Bond esquadrinhou tudo lentamente, movendo a Sniperscope, com o rifle, por meio de parafusos de precisão na base de madeira. Estava tudo inalterado, com exceção agora de um punhado de funcionários que saíam e entravam no Ministério pela porta da Wilhelmstrasse. Bond olhou longamente para as quatro janelas escuras — novamente apagadas esta noite — que segundo ele e Sender seriam os pontos de fogo do inimigo. As cortinas tinham sido puxadas e as janelas de guilhotina estavam completamente abertas na parte de baixo. A luneta de Bond não podia penetrar nas salas, mas não havia nenhum sinal de movimento dentro das quatro bocas oblongas e escancaradas.

Agora havia um tráfego extra na rua lá embaixo. A orquestra feminina dirigiu-se marchando sobre a calçada até a porta de entrada — vinte garotas sorridentes, conversando e carregando seus instrumentos — caixas de violinos e instrumentos de sopro, sacolas com partituras e quatro delas com os tambores — um pequenino crocodilo, alegre e feliz. Bond refletia em que algumas pessoas ainda pareciam achar a vida divertida no Setor Soviético, quando suas lentes pegaram a garota que carregava o violoncelo e ficaram com ela. Os maxilares de Bond imobilizaram-se por um instante e logo continuaram a mascar, num ato reflexo, enquanto ele girava o parafuso para baixar a Sniperscope e mantê-la em seu centro.

A garota era mais alta que as outras e seus cabelos longos, lisos e louros, que caíam pelos ombros, reluziam como ouro fundido sob as luzes do cruzamento. Andava apressadamente com um jeitinho encantador e excitado, levando a caixa do violoncelo como se não fosse mais pesada do que um violino. Tudo parecia voar — as abas do seu casaco, seus pés, seus cabelos. Estava cheia de movimento e vida e, parecia, de alegria e felicidade, ao conversar com as duas garotas que a ladeavam e ao pontilhar a conversa de risadas. Quando entrava pela porta do prédio, no meio do seu grupo, as luzes

fixaram por instantes um perfil belo e pálido. E então desapareceu e o seu desaparecimento foi para Bond uma ponta de dor cravada em seu coração. Estranho! Que coisa tão estranha! Isso não lhe tinha acontecido desde a juventude. E agora essa simples garota, vista apenas indistintamente e a distância, o fazia sofrer esta pontada aguda de desejo, esta vibração de magnetismo animal! Morosamente, Bond olhou para o mostrador luminoso de seu relógio. Cinco e cinquenta. Só dez minutos mais. Nenhum transporte chegara à entrada. Nenhum daqueles Ziks pretos, fechados e anônimos que ele imaginara viessem. Fechou tanto de sua mente quanto pôde para a lembrança da jovem e aguçou sua inteligência. Vamos, miserável! De volta ao trabalho!

De alguma parte dentro do Ministério vieram os sons familiares de uma orquestra afinando — as cordas afinando seus instrumentos com as notas isoladas do piano, o clangor agudo das madeiras individuais — depois uma pausa e então o impacto coletivo de melodia com toda a orquestra atacando competentemente, na medida em que Bond podia julgar, os compassos iniciais do que até para James Bond era vagamente familiar.

“As Danças Polovtsianas do Príncipe Igor” — disse o Capitão Sender sucintamente. — De qualquer maneira, estão chegando as seis horas — e então com urgência: — Êh! No canto inferior direito das quatro janelas! Olha lá!

Bond baixou milimetricamente a Sniperscope. Sim, ha viu movimento dentro da caverna escura. Agora, do seu interior, um objeto grosso e negro, uma arma, tinha deslizado para fora. Movia-se com firmeza, minuciosamente, girando para baixo e para os lados a fim de cobrir o trecho da Zimmerstrasse entre os dois terrenos baldios cheios de entulho. Então o operador invisível na sala escura pareceu satisfeito e a arma permaneceu fixa, obviamente presa a um apoio tal como o que Bond tinha debaixo do seu rifle.

— O que é? Que tipo de arma? — A voz do Capitão Sender estava mais ofegante do que devia.

Calma, que diabo! Pensou Bond. Eu é que devia estar nervoso.

Forçou a vista, examinando o atarracado liberador de gases na boca da arma, a luneta telescópica e o pedaço grosso protuberante do depósito. Sim, só podia ser isto! Absolutamente certo — e o melhor que tinham!

— Kalashnikov — disse brevemente. — Metralhadora de mão. Operada a gás. Trinta cápsulas de 7.62 milímetros. Uma favorita da KGB Afinal

resolveram fazer um serviço completo. Perfeita para alvejar. Teremos de apanhá-lo com muita rapidez ou o 272 acabará não só morto como geleia de morango. Fique de olho aguardando qualquer movimento naquele entulho de lá. Ficarei grudado àquela janela e à arma. Ele terá que se mostrar para abrir fogo. Outros sujeitos estarão provavelmente marcando a pontaria atrás dele — talvez de todas as quatro janelas. É bem o tipo de arranjo que esperávamos, mas não pensei que fossem usar uma arma que vai fazer toda a confusão que esta promete. Devia ter imaginado isso. Um homem correndo não seria fácil de acertar nesta luz com arma de um só tiro.

Bond dedilhou delicadamente os parafusos de apontar e de elevar e ajustou as linhas finas da luneta na exata intersecção, bem no ponto em que o cano da arma inimiga emergia da escuridão da janela. Acerte no peito — não se preocupe com a cabeça!

Dentro do capuz, o rosto de Bond começou a suar e a órbita do olho mostrava-se escorregadia contra a borracha da ocular. Não tinha importância. Eram apenas suas mãos, seu dedo de gatilho, que deviam ficar inteiramente secos. À medida que escoavam os minutos, ele frequentemente piscava os olhos para descansá-los, mudava a posição das pernas para mantê-las ágeis, ouvia a música para relaxar sua mente.

Os minutos arrastavam-se com pés de chumbo. Que idade teria ela? Vinte e poucos — uns vinte e três. Com aquela altivez e despreocupação, a sugestão de autoridade em seu fácil caminhar de passos largos, vinha certamente de uma boa ascendência de raça — uma das velhas famílias prussianas, é provável, ou de remanescentes semelhantes na Polônia ou mesmo na Rússia. Por que diabo tinha de escolher o violoncelo? Havia algo quase indecente na ideia daquele instrumento volumoso e deselegante entre as suas coxas abertas. Certo, Suggia tinha conseguido um ar elegante e o mesmo fizera aquela garota Amaryllis qualquer-coisa. Mas deviam inventar um jeito para as mulheres montarem de lado no diabo do instrumento.

A seu lado o Capitão Sender disse: — Sete horas. Nada se mexeu do outro lado. Um pouco de movimento no nosso lado, perto de um porão nas proximidades da fronteira; será o nosso comitê de recepção — dois bons homens da estação. Melhor mantê-los até que o inimigo encerre os trabalhos. Diga-me quando recolherem a arma.

— Está bem.

Eram sete e meia quando a metralhadora de mão da KGB foi suavemente recolhida para o interior escuro. Uma a uma, as vidraças inferiores das quatro

janelas foram fechadas. O jogo de sangue-frio terminara por esta noite. O 272 ainda estava encurralado. Mais duas noites pela frente!

Bond puxou cuidadosamente a cortina por cima dos ombros e em frente do cano da Winchester. Levantou-se, tirou o capuz e foi ao banheiro e despiu-se e tomou um banho de chuveiro. Bebeu então dois grandes uísques on the rocks em rápida sucessão, enquanto aguardava, ouvidos atentos, que o som agora abafado da orquestra parasse. Quando isso aconteceu, às oito horas (com o comentário abalizado de Sender, Dança Coral Número 17 do Príncipe Igor de Borodin, creio) ele disse a Sender, que estivera passando o seu relatório em linguagem truncada ao chefe da Estação: — Vou apenas dar uma outra olhada. Fiquei gamado por aquela loura alta do violoncelo.

— Não a notei — disse Sender sem interesse. Foi à cozinha. Chá, pensou Bond. Ou talvez Horlick's. Bond vestiu o capuz, voltou à sua posição de fogo e apontou a Sniperscope para a porta do Ministério. Sim, lá estavam elas, não tão alegres e sorridentes agora. Cansadas, talvez. E agora vinha ela, menos cheia de vida mas ainda com aquele andar belo e displicente. Bond acompanhou os cabelos dourados ao vento e a capa de chuva até desaparecerem no crepúsculo anil da Wilhelmstrasse. Onde morava? Em algum quatinho sórdido e miserável de algum subúrbio? Ou num dos apartamentos privilegiados da horrenda Stalinallee com suas fachadas em ladrilho de lavatório?

Bond deixou a posição. Em algum lugar, dentro de alcance fácil, vivia aquela garota. Seria casada? Teria um amante? Que fosse tudo para o inferno! Ela não era para ele.

O dia seguinte e a vigília noturna seguinte foram uma reprodução, com pequenas variações, do primeiro. James Bond teve outros dois breves encontros, pela Sniperscope, com a garota, e o resto foi tempo para passar e um aumento da tensão que, ao chegar o terceiro e último dia, era como uma névoa na pequena sala.

James Bond abarrotou o terceiro dia com um programa quase lunático de museus, galerias de arte, o zoo e um filme, quase sem perceber as coisas que olhava, a atenção dividida entre a garota e aqueles quatro quadrados escuros e o tubo negro e o homem desconhecido atrás dele — o homem que ele ia seguramente matar esta noite.

De volta ao apartamento às cinco em ponto, Bond cuidadosamente evitou uma briga com o Capitão Sender, porque tinha-se servido de uma boa dose de uísque antes de colocar o infame capuz que agora cheirava com o seu suor. O

Capitão Sender tinha tentado impedi-lo e, não o conseguindo, ameaçara chamar o chefe da Estação e dar parte de Bond por desrespeito às normas.

— Olhe aqui, meu amigo — disse Bond num tom cansado — tenho que cometer um crime esta noite. Não você. Eu. Portanto seja bonzinho e fique quieto, sim? Você pode relatar a Tanqueray o que quiser quando isso terminar. Pensa que gosto deste serviço? Do meu número Zero-Zero e tudo mais? Ficaria muito feliz se você conseguisse minha demissão da Seção Zero-Zero. Então poderia me acomodar num macio ninho de papéis como um funcionário comum. Certo?

Bond engoliu o seu uísque, alcançou o livro policial, agora atingindo um clímax impressionante, e jogou-se na cama.

O Capitão Sender, com um silêncio glacial, foi à cozinha para preparar, pelos ruídos que fazia, o seu inevitável chazinho.

Bond sentiu o uísque começando a fundir os nervos enrascados em seu estômago. E agora, Liselotte, como é que você vai sair desta embrulhada?

Eram exatamente seis e cinco quando Sender, em seu posto, começou a falar agitado: — Bond, tem alguma coisa se mexendo lá adiante. Agora parou — espere, não, ele está se movendo de novo, bem abaixado. Há um trecho de muro derrubado ali. Ele ficará fora da visão do inimigo. Mas tem matagal cerrado à sua frente, jardas e jardas. Cristo! Está atravessando o capinzal. E o capim está se mexendo. Deus queira, pensem que é apenas o vento. Agora atravessou e deitou-se no chão. Alguma reação?

— Não — disse Bond tensamente. — Continue descrevendo. Qual é a distância daqui à fronteira?

— Tem apenas umas cinquenta jardas a cobrir.

A voz do Capitão Sender estava rouca de excitação: — Terreno quebrado, mas parte dele é aberto. Vem então um sólido pedaço de muro separando da calçada. Terá que passar por cima. Não podem deixar de vê-lo então. Agora! Caminhou dez jardas e outras dez. Eu o vi claramente. Escureceu o rosto e as mãos. Atenção! A qualquer momento agora ele fará a corrida final.

James Bond sentiu o suor escorrendo-lhe pelo rosto e pescoço. Assumiu um risco e rapidamente enxugou as mãos nos lados e logo as colocou de volta no rifle, o dedo dentro da guida, repousando sobre o gatilho encurvado. — Há algo se movendo na sala adiante da arma. Devem tê-lo visto. Ponha em funcionamento aquele Opel.

Bond ouviu a palavra-código entrar no microfone, ouviu o Opel embaixo na rua dar a partida, sentiu o pulso acelerar no instante em que o motor conquistava vida e uma série de estalidos ensurdecedores saíam pelo cano de escape.

O movimento na caverna escura era agora definido. Um braço negro com uma luva negra movia-se para fora e por baixo da coronha.

— Agora! — Explodiu o Capitão Sender. — Agora! Está correndo para o muro! Está subindo! Agora vai pular!

E então, na Sniperscope, Bond viu a cabeça de “Gatilho” — a pureza do perfil, o sino dourado dos cabelos — tudo isso disposto em volta da coronha da Kalashnikov! Ela estava morta, um pássaro no chão! Os dedos de Bond lançaram-se como um relâmpago aos parafusos, giraram e ajustaram as polegadas e, quando uma chama amarela piscou na boca da metralhadora, apertaram o gatilho.

A bala, certa a trezentas e dez jardas, deve ter atingido onde a coronha terminava, na sua junção com o cano, poderia ter alvejado a jovem na mão esquerda, mas o efeito foi arrancar a arma do seu apoio, esmagá-la contra o lado do peitoral e então lançá-la para fora da janela. A arma rodou várias vezes durante a queda e espatifou-se no meio da rua.

— Atravessou! — Gritou o Capitão Sender. — Ele atravessou! Conseguiu passar! Meu Deus, conseguiu passar!

— Abaixem-se! — Disse Bond bruscamente e atirou-se de lado para baixo da cama enquanto o grande olho de um holofote numa das janelas escuras se acendia, iluminando a rua em direção do seu prédio e do seu apartamento. Então as armas espocaram e as balas atravessaram zunindo as janelas, rasgando as cortinas, despedaçando a madeira e cravando-se com baque surdo nas paredes.

Além do ronco e do zumbido das balas, Bond ouviu o Opel correndo rua abaixo e, ainda adiante, o sussurro fragmentário da orquestra. A combinação dos dois ruídos de fundo funcionou. Naturalmente! A orquestra tinha com certeza promovido um tumulto infernal em toda a Haus der Ministerien, tendo sido usada, como o Opel de escape aberto deste lado, para proporcionar uma cobertura à forte descarga de fogo no lado deles acionada por “Gatilho”. Teria ela carregado sua arma de um lado para outro diariamente naquela caixa de violoncelo? Seria toda a orquestra composta de mulheres da KGB? E as outras caixas de instrumentos, continham apenas equipamento — o grande tambor talvez o holofote — enquanto os instrumentos reais estavam

disponíveis na sala de concerto? Elaborado demais? Fantástico demais? Provavelmente. Mas não havia dúvida nenhuma quanto à garota. Na Sniperscope, Bond tinha até chegado a ver um grande olho, com longos cílios, fazendo a mira. Teria ferido a garota? Quase com certeza o braço esquerdo. Não haveria chance de vê-la, de ver como estava, se saísse com a orquestra. Agora ele não a veria nunca mais. A janela seria uma armadilha mortal. Para sublinhar o perigo, uma bala perdida penetrou no mecanismo da Winchester, já atingido e danificado, e o chumbo derretido caiu sobre a mão de Bond, queimando a pele. Com a praga vigorosa de Bond, o tiroteio cessou abruptamente e o silêncio instalou-se no quarto.

O Capitão Sender saiu do lado de sua cama, limpando os cabelos de cacos de vidro. Atravessaram o quarto triturando os cacos e a porta estilhaçada, até a cozinha. Aqui, porque a janela dava para o outro lado da rua, não havia perigo em acender a luz.

— Algum dano? — Perguntou Bond.

— Não. E você, está bem?

Os olhos pálidos do Capitão Sender brilhavam com a febre que a batalha traz. E também, observou Bond, havia neles um vislumbre de acusação.

— Bem. Apenas me consiga um Elastoplast para a mão. Peguei um salpico de uma das balas.

Bond foi ao banheiro. Quando saiu, o Capitão Sender estava sentado junto ao transmissor-receptor que trouxera da sala de estar. Estava falando. Agora disse ao microfone: — É o suficiente por enquanto. Ótimo para o 272. Agora apressem com o carro blindado, se possível. Ficaria satisfeito em sair daqui e o 007 deverá escrever a sua versão do que aconteceu. O.K.? Então CÂMBIO e FORA.

O Capitão Sender voltou-se para Bond. Meio acusador, meio embaraçado, disse: — Sinto, mas o chefe da Estação quer seus motivos para não ter exterminado aquele sujeito. Tive de contar-lhe que vi você alterando sua mira no último segundo. Deu a “Gatilho” tempo de escapar à rajada. Uma sorte danada a do 272 que mal havia começado sua corrida. Explodiram pedaços do muro atrás dele. Mas afinal que foi que houve?

James Bond sabia que podia mentir, sabia que podia inventar uma dúzia de razões para desculpar-se. Em vez disso, sorveu um gole profundo do forte uísque que tinha preparado, depôs o copo e encarou o Capitão Sender bem no olho.

— “Gatilho” era uma mulher.

— E daí? A KGB tem uma porção de agentes femininos — e mulheres atiradoras. Não estou nada surpreso. O time feminino da Rússia sempre se sai bem nos campeonatos mundiais. Na última competição, em Moscou, tiraram o primeiro, segundo e terceiro lugares contra sete países. Posso até lembrar dois de seus nomes — Donskaya e Lomova, uns tiros fabulosos. Pode até ser uma delas. Que tipo era ela? Os arquivos provavelmente trarão toda a informação.

— Era uma loura. A garota que levava o violoncelo daquela orquestra. Talvez escondesse a arma na caixa do violoncelo. A orquestra deveria cobrir o tiroteio.

— Oh! — Disse o Capitão Sender lentamente. — Agora vejo. A garota que o entusiasmou?

— Isso mesmo.

— Bem. Lamento, mas terei de colocar isso no meu relatório. Você teve ordens claras para exterminar “Gatilho”.

Ouviram o som de um carro que se aproximava. Parou em algum lugar lá embaixo. A campainha soou duas vezes. Sender disse: — Bom, vamos indo. Mandaram um carro blindado para nos tirar daqui.

Fez uma pausa. Seus olhos tremularam por cima dos ombros de Bond, evitando os olhos de Bond. — Desculpe o relatório. Tenho que cumprir o dever, você sabe. Você devia ter matado aquele tocaia, quem quer que fosse.

Bond levantou-se. Subitamente não queria deixar o pequeno e malcheiroso apartamento destruído, deixar o lugar de que, durante três dias, tinha mantido este romance unilateral de longo alcance com uma jovem desconhecida — um agente inimigo desconhecido com o mesmo tipo de serviço que o dele. Pobre malandrinha! Agora estaria muito mais complicada do que ele! Certamente iria a conselho de guerra por ter falhado neste serviço. Talvez fosse chutada da K. G. B. Sacudiu os ombros. Pelo menos não chegariam a matá-la — como ele mesmo tinha feito.

James Bond disse com cansaço: — O.K. Com um pouco de sorte, vai-me custar o número Zero-Zero. Mas diga ao chefe da Estação para não se preocupar. Aquela garota não fará mais tocaia. Provavelmente perdeu a mão esquerda. Certamente perdeu os nervos para este tipo de trabalho. Assustou-a como o diabo. Para mim, foi o bastante. Vamos.

007 em Nova York

(007 IN NEW YORK)

(Tradução: Mari Oaks, Clubinho)*

Eram umas dez horas de uma manhã azul e dourada de fim de setembro e o BOAC Monarch procedente de Londres tinha chegado ao mesmo tempo que outros quatro voos internacionais. James Bond, o estômago enjoado pela versão BOAC de um “café da manhã campestre inglês”, tomou estoicamente seu lugar na longa fila de desembarque, que incluía muitas crianças aos berros, e na sua vez informou que havia passado as últimas dez noites em Londres. Então, quinze minutos na Imigração para mostrar seu passaporte, que dizia ser ele um “David Barlow, comerciante”, que tinha olhos, cabelos e 1,83 de altura, e depois o inferno da Alfândega do aeroporto de Idlewild, cuidadosamente projetado, na opinião de Bond, para prover um enfarte aos visitantes dos Estados Unidos. Todos, cada um com seu estúpido carrinho, tinham aquele olhar miserável e indigno de uma noite de voo. Todos esperando que sua mala aparecesse, que lhes fosse gentilmente entregue, para em seguida lutar para chegar aos guichês da Aduana, todos superlotados, onde cada volume (por que não uma verificação por amostra?) seria aberto e vasculhado, depois trabalhosamente fechado pelo exausto dono, muitas vezes em meio a tapas em crianças. James Bond olhou para a varanda com paredes de vidro que cercava o grande salão. Um homem de impermeável e chapéu, meia-idade, aparência comum, inspecionava através de pequenos binóculos aquele inferno de operações ordenadas. Qualquer um que o examinasse ou, na verdade, qualquer um de binóculos, era objeto das suspeitas de James Bond, mas agora sua mente conspiratória registrava apenas que este seria um bom método de ação para uma quadrilha de ladrões de hotéis. O homem notaria certamente a mulher de aparência rica declarando suas joias, então a seguiria quando fosse liberada pela Alfândega, depois por Nova York, ouviria na recepção do hotel o número do quarto que lhe seria atribuído, e o resto era automático. James Bond encolheu os ombros. Pelo menos, o homem não parecia interessado nele. Já com sua única mala na mão, passou pelo educado guarda.

Então, suando devido ao desnecessário aquecimento central, passou pelas portas de vidro automáticas para o abençoado ar fresco lá de fora. Um Cadillac da Carey, à espera, tinha um cartaz com seu nome. James Bond sempre usava a Carey Organization. Tinham carros excelentes e finos motoristas, de disciplina rígida e total discrição, que não fediam a charuto barato. Perguntou-se se a organização, supondo-se que tivesse associado David Barlow a James Bond, teria traído seus padrões e informado à CIA de sua presença. Bem, sem dúvida, os Estados Unidos vinham em primeiro lugar mas, em última análise, saberia a Carey quem era James Bond? A Imigração certamente sabia. Do grosso volume preto que o agente da Imigração consultara ao pegar seu passaporte constavam três Bond, e um deles era “James, britânico, passaporte 391354. Informar Diretor”. Até que ponto a empresa Carey seria próxima da Imigração? Provavelmente, só quando se tratasse de assunto policial. De qualquer forma, James Bond se sentia bem confiante de poder passar 24 horas em Nova York, fazer seu contato e sair novamente sem ter que dar explicações embaraçosas aos senhores Hoover ou McCone.

Mas era um assunto chato, nada instigante, por isso M mandara James Bond anonimamente a Nova York. Ele precisava avisar a uma boa garota, que havia trabalhado para o Serviço Secreto britânico, uma garota inglesa agora ganhando a vida em Nova York, que ela morava com um agente soviético da KGB ligado à ONU, e M soubera que o FBI e a CIA estavam em sua cola, muito perto de descobrir sua identidade. Bond passaria a perna em duas organizações amigas, claro, e seria muito constrangedor se fosse flagrado, mas a moça tinha sido um agente de primeira classe e M, quando podia, cuidava dos seus. Então James Bond fora instruído a fazer contato e conseguiu, o encontro sendo marcado para as três da tarde, do lado de fora (o local parecia apropriado para James Bond) da Ala do Réptil no zoológico do Central Park.

James Bond apertou o botão para baixar a divisória de vidro e se inclinou para a frente. “Para o Astor, por favor.”

“Sim, senhor.”

O grande carro preto seguiu as curvas para fora do aeroporto e entrou na via expressa Van Wyck, que estava em obras para a Feira Mundial de 1964-1965. James Bond recostou-se e acendeu um de seus últimos Morland Specials. Na hora do almoço seria um Chesterfield *king-size*. O Astor. Era tão bom quanto qualquer outro e Bond gostava da selva de Times Square — as

hediondas lojas de souvenirs, as roupas da moda, os hipnóticos anúncios de néon, um dos quais dizia “BOND” em letras de dez metros de altura. Aqui estavam as vísceras de Nova York, suas entranhas vivas. Seus outros bairros favoritos tinham acabado — Washington Square, Battery, Harlem, que agora exigiam passaporte. O Savoy Ballroom! Que divertido, nos velhos tempos! Ainda havia o Central Park, que devia estar lindo agora, claro e brilhante. Quanto aos hotéis, eles também se foram — o Ritz Carlton, o St. Regis, que morreram com Michael Arlen. O Carlyle seria talvez o único sobrevivente. O resto, todos iguais — aqueles elevadores panorâmicos, as salas cheias de ar do mês passado e uma vaga lembrança de charutos antigos, o vazio “Seja bem-vindo”, o café fraco, os ovos pochês de um branco quase azul no café da manhã (James Bond tivera um pequeno apartamento em Nova York, e procurou ovos vermelhos em toda parte até que, finalmente, o funcionário de um supermercado disse: “Não compramos, senhor, as pessoas acham que eles são sujos”), as torradas (aquela carga de torradas para as colônias devia ter naufragado!). Ai ai... Sim, o Astor servia como outro qualquer.

James Bond olhou para o relógio. Chegaria ao hotel pelas 11h30, com tempo para uma breve expedição de compras, mas muito breve, porque hoje em dia havia pouco para comprar que não viesse da Europa, exceto o melhor mobiliário de jardim no mundo, e Bond não tinha um jardim. Primeiro a farmácia, para comprar meia dúzia de escovas de dente Owens, incomparáveis. Hoffritz, na Madison Avenue, para suas lâminas de barbear pesadas e dentadas, muito melhores que as da Gillette, depois a Tripler, para meias de golfe francesas feitas por Izod, e Scribner, a última grande livraria de Nova York, porque há lá um vendedor com ótimo nariz para bons *thrillers*, e depois à Abercrombie olhar os novos gadgets e, quem sabe, marcar para a noite um encontro com Solange (apropriadamente empregada no Departamento de Jogos).

O Cadillac passava pelos horríveis depósitos de carros usados, com suas latarias repintadas faiscando. O que aconteceria com tudo aquilo quando o tempo finalmente apodrecesse suas entranhas? Onde eles finalmente morreriam? Seriam jogados ao mar, para que enferrujassem? Carta para o Herald Tribune!

Agora, a questão do almoço. Jantar com Solange seria fácil, no Lutèce dos anos sessenta, um dos grandes restaurantes do mundo. Mas e seu próprio almoço? Nos velhos tempos, ele certamente iria ao 21, mas a aristocracia financeira havia dominado até essa fortaleza, inchando os preços. E, como ela não sabia distinguir o bom do ruim, a comida minguara. Ainda assim gostaria

de ir lá, em nome dos velhos tempos, tomar no bar uns dois martinis secos — gim Beefeaters com vermute da casa, batido com um toque de casca de limão. E então, que tal a melhor refeição em Nova York? Ensopado de ostras com cream crackers e Miller High Life no Oyster Bar do Grand Central? Não, ele não queria se sentar em um bar — melhor algum lugar espaçoso e confortável, onde pudesse ler um jornal em paz. Sim. Era isso! O salão Edwardian, no Plaza, uma mesa de canto. Eles não o conheciam lá, mas sabia que conseguiria comer o que quisesse, não como no Chambord ou no Pavillon, com seus irritantes maîtres de vinho e comida, e no caso do Pavillon, o miasma de uma centena de diferentes aromas femininos para confundir seu paladar. Ele beberia mais um martini seco na mesa, em seguida, um salmão defumado e os especiais ovos mexidos que ensinara um dia a fazer (Felix Leiter conhecia o chefe dos garçons)*. Sim, isso parecia bom. Tentaria o salmão defumado. No Edwardian costumava ser escocês, não aquela coisa seca e insípida canadense. Mas nunca se sabe com a comida americana. Contanto que bifes e frutos do mar fossem bons, o resto podia ir para o inferno. E tudo era congelado por tanto tempo, presumivelmente em algum enorme frigorífico com todo tipo de alimento, que o sabor tinha desaparecido da comida americana, exceto da italiana. Tudo tinha o mesmo gosto neutro. Quando foi servido o último frango fresco — não frango de corte —, um ovo de fazenda, um peixe capturado horas antes em um restaurante de Nova York? Haveria algum mercado na cidade, como Les Halles em Paris e Smithfields em Londres, onde se pudesse ver e comprar alimentos realmente frescos? James Bond nunca tinha ouvido falar de um. As pessoas diriam que era anti-higiênico. Como os americanos tinham se tornado tão higiênicos, tão germe-conscientes? Toda vez que James Bond fazia amor com Solange, no momento em que deveriam estar relaxados nos braços um do outro ela saía para o banheiro e lá ficava por longos quinze minutos, e quando voltava eles não podiam se beijar por um tempão, porque ela fizera gargarejo com TCP. E as pílulas que ela tomava se pegasse um resfriado! O suficiente para combater pneumonia dupla. Mas James Bond sorriu ao pensar nela e perguntou-se o que fariam juntos naquela noite, além do Lutèce e do amor. Nova York tinha tudo. Ele ouvira falar, embora nunca tivesse conseguido rastreá-los, que havia uns filmes pornôns sonoros e coloridos que depois de vê-los sua vida sexual nunca mais seria a mesma. Podia ser uma experiência para compartilhar com Solange! E aquele bar, ainda não descoberto, que Felix Leiter lhe dissera ser o ponto de encontro favorito de sádicos e masoquistas de ambos os sexos? O uniforme era jaqueta de couro preta e luvas de couro. Se você fosse sádico,

prendia as luvas na alça do ombro esquerdo. Para os masoquistas, no direito. Como com os locais de travestis em Paris e Berlim, seria divertido ir dar uma olhada. No fim, claro, eles provavelmente iriam ao Embers ouvir o jazz favorito de Solange e depois para casa, para mais amor e TCP.

James Bond sorriu para si mesmo. Estavam subindo a Triborough, aquela incrivelmente bela ponte para as cerradas ameias de Manhattan. Ele estava ansioso por seus prazeres roubados entre as horas de trabalho. Apreciava passar o dia sonhando com eles até o mais ínfimo pormenor. E agora que tinha feito seus planos, cada perspectiva era agradável. Claro que as coisas podiam dar errado, teria então de fazer algumas mudanças. Mas isso não importa. Nova York tem tudo.

Nova York não tem tudo. A ausência de amenidades foi a mais angustiante possível para James Bond. Depois dos ovos mexidos no Edwardian, tudo deu absolutamente errado e, em vez do programa de sonho, houve telefonemas urgentes e constrangedores com a sede em Londres, e, em seguida, apenas por pura sorte, um encontro atabalhado à meia-noite, ao lado da pista de patinação do Rockefeller Center, com lágrimas e ameaças de suicídio da menina inglesa. E tudo culpa de Nova York! Dificilmente alguém acreditaria, mas não há uma Ala do Réptil no Zoo do Central Park.

*** Ovos mexidos à James Bond**

(para quatro pessoas)

12 ovos frescos

Sal e pimenta

Cebolinha ou ervas finas

Meia xícara de manteiga fresca

Quebre os ovos numa tigela. Bata bem com um garfo e tempere a gosto. Numa frigideira de cobre, dissolva a maior parte da manteiga. Quando estiver dissolvida, derrame ali os ovos e cozinhe em fogo bem baixo mexendo continuamente com uma colher.

Com os ovos ainda um pouco moles, tire a panela do fogo, acrescente o restinho da manteiga e continue mexendo por meio minuto, acrescente a cebolinha bem picada (ou as ervas finas). Sirva sobre torradas amanteigadas em pratinhos individuais de cobre (só pela aparência), com champanhe rosé (Taittinger) e música suave.

* Conto ausente do pdf convertido.

.ePub



2014